



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Os processos de integração escolar dos descendentes de imigrantes portugueses em Inglaterra: perspetivas de estudantes e suas famílias

Maria Inês Violante dos Santos

Mestrado em Educação e Sociedade

Orientadora:

Doutora Sandra Mateus, Professora Auxiliar Convidada,
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2023



SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS

Departamento de Sociologia

Os processos de integração escolar dos descendentes de imigrantes portugueses em Inglaterra: perspetivas de estudantes e suas famílias

Maria Inês Violante dos Santos

Mestrado em Educação e Sociedade

Orientadora:

Doutora Sandra Mateus, Professora Auxiliar Convidada,
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2023

Para todos os que têm a coragem de mudar para atingir os seus sonhos.

Agradecimentos

Chega assim ao fim o meu percurso académico com entrega desta Dissertação, foram cinco anos de muito trabalho e com eles foram muitas as alegrias, mas também de desafios e nada teria sido possível sem o apoio de várias pessoas e por isso não podia deixar de agradecer. Em primeiro lugar, um grande obrigado aos meus entrevistados. Aos progenitores entrevistados que tão gentilmente expuseram a vossa experiência migratória permitindo-me entrar no vosso mundo. Aos descendentes entrevistados, obrigado por fazerem parte desta experiência e pela vossa postura exemplar.

Quero também agradecer aos meus pais, Carlos Santos e Olga Violante, por terem sido o meu maior apoio nestes últimos cinco anos e que apesar de todas as adversidades sempre estiveram do meu lado e a ajudar a levantar em qualquer circunstância. Especialmente à minha mãe que teve a coragem de mudar e que mesmo longe, esteve sempre perto. Quero também agradecer à minha irmã que desde o primeiro dia é a minha maior apoiante sem nunca deixar de me mostrar a verdade. Aos meus irmãos. Aos meus sobrinhos que espero contribuir de alguma forma para a sua melhor educação. Aos meus avós José Santos e M^ª Helena Santos, por me proporcionarem os meus estudos e sempre me aplaudirem pelos meus feitos.

De seguida quero agradecer à instituição que me acolheu nestes dois últimos anos, o ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, a todos os professores que, de alguma forma, contribuíram para o meu percurso académico. Um especial agradecimento à minha orientadora, Professora Doutora Sandra Mateus pela sua disponibilidade, apoio, interesse, motivação e preciosas orientações durante estes meses.

Por fim, um especial agradecimento às minhas amigas Catarina, Micaela, Mónica, Telma e Sara por estarem sempre presentes e me apoiarem sempre nestes últimos cinco anos. E à minha team Joana e Inês, muito obrigada.

Resumo

Esta dissertação diz respeito aos desafios e apoios na integração escolar dos descendentes de imigrantes portugueses no sistema de ensino inglês, a partir da perspectiva das famílias e seus descendentes. Tem como objetivos perceber a perspectiva dos progenitores e descendentes de imigrantes sobre a integração no sistema escolar inglês, averiguar os tipos de apoios à integração existentes, caracterizar as famílias portuguesas imigrantes e perceber a importância do domínio da língua inglesa na experiência migratória.

Nesta investigação, foi usado o método qualitativo através da realização de entrevistas semiestruturadas. As entrevistas foram realizadas com progenitores e os seus descendentes, imigrantes em Inglaterra, Surrey.

Após a análise dos dados, foi possível perceber que a integração dos descendentes e dos progenitores a nível do contexto escolar inglês é bastante positiva. Apesar de experiências migratórias e de integração distintas, conclui-se que os descendentes e os seus progenitores se sentem bem integrados nas escolas que os seus filhos frequentam e na sociedade inglesa. Apesar de terem existido desafios estes não são predominantes atualmente, não influenciando a sua atual experiência no sistema escolar inglês. O mesmo poderá ser dito em relação aos apoios existentes à integração, sendo estes não predominantes de acordo com as experiências dos entrevistados, mas em simultâneo não é sentida uma falta de apoio por parte dos descendentes e suas famílias, por parte das escolas.

Palavras-Chave: Integração Escolar; Descendentes de imigrantes; Migrações; Famílias Migrantes; Desempenho Escolar; Educação; Emigração; Reino Unido

Abstract

This dissertation is about the challenges and support in the school integration of the descendants of Portuguese immigrants into the English education system, from the perspective of families and their descendants. Its objectives are to understand the perspective of the parents and descendants of immigrants on integration into the English school system, to find out what types of support exist for integration, to characterize Portuguese immigrant families, and to understand the importance of mastering the English language in the migratory experience.

The qualitative method used in this research was semi-structured interviews. The interviews were carried out with parents and their descendants, all immigrants in England, Surrey.

After the data analysis, it was possible to see that the integration of descendants and parents in the English school context is quite positive. Despite their different migratory and integration experiences, it can be concluded that the descendants and their parents feel very well integrated into the schools their children attend and into English society. Although there were challenges, these are not prevalent today and do not influence their current experience of the English school system. The same can be said of existing support for integration, which is not prevalent according to the interviewee's experiences, but at the same time, there is no lack of support for descendants and their families from schools.

Keywords: School integration; Descendants of immigrants; Migration; Migrant families; School performance; Education; Emigration; United Kingdom

Índice

Agradecimentos	i
Resumo.....	iii
Abstract	v
Índice de Tabelas.....	x
Introdução	1
CAPÍTULO 1.....	3
Enquadramento da Pesquisa.....	3
1. As migrações – contextualização	3
1.1. O conceito de migrações e migrante.....	3
1.2. As famílias migrantes	4
1.3. Descendente de Imigrante	4
2. As experiências migratórias das famílias e os descendentes portugueses no Reino Unido	5
2.1. As experiências escolares dos descendentes	5
2.2. O papel da escola, comunidade escolar e das famílias	7
2.3. O Sistema Educativo Inglês.....	9
CAPÍTULO 2.....	11
Metodologia de Investigação	11
1. Métodos de pesquisa	11
2. Campo empírico, universo e amostra	11
3. Técnicas de recolha de dados.....	11
4. Aspetos éticos	12
CAPÍTULO 3.....	13
Apresentação e Discussão dos Resultados.....	13
1. Caracterização dos Entrevistados	13
2. As Famílias Imigrantes Portuguesas.....	15
2.1. A condição de migrante.....	15
2.2. A relação com a língua inglesa	18
2.3. Relação dos progenitores com o sistema escolar inglês.....	18
3. A escola inglesa e os descendentes.....	22
3.1. Relação dos descendentes com a escola inglesa	22
3.2. Os descendentes e a língua inglesa e portuguesa.....	26
4. Os apoios à integração escolar.....	28

CAPÍTULO 5.....	31
Conclusões.....	31
Referências Bibliográficas	35
ANEXOS	38

Índice de Tabelas

TABELA 1. CARACTERIZAÇÃO DOS DESCENDENTES DE IMIGRANTES	13
TABELA 2. CARACTERIZAÇÃO DOS PROGENITORES IMIGRANTES.....	14

Introdução

A presente dissertação, com o título “Os processos de Integração Escolar dos Descendentes de Imigrantes Portugueses em Inglaterra: Perspetivas de Estudantes e suas Famílias”, insere-se no Mestrado de Educação e Sociedade, da Escola de Sociologia e Políticas Públicas do ISCTE-IUL. Integra-se no campo da educação e das migrações internacionais e terá como contexto a integração escolar de famílias portuguesas no sistema de ensino inglês.

As razões que me levaram a escolher este tema para a dissertação estão assentes no meu interesse pessoal na área das migrações e também da área da educação, unindo assim duas áreas que se interligam cientificamente.

Segundo o Observatório da Migração da Universidade de Oxford, Portugal é uma das principais origens de migrantes no Reino Unido. No ano de 2020, mais de metade dos migrantes nascidos na União Europeia e que viviam no Reino Unido faziam parte da EU-14, de incluem a Irlanda, Itália, França e Portugal. Estatisticamente, Portugal faz parte do top 10 de países da União Europeia que têm maior número de migrantes a viver no Reino Unido, no ano de 2020 (Sumption & Walsh, 2022). O Observatório da Emigração, a partir do relatório dos Censos 2021, informa-nos que no ano de 2021 existiam 16,8% de residentes com nacionalidade portuguesa a residir no Reino Unido ¹

Neste âmbito, o objeto de estudo serão as famílias portuguesas residentes e com descendentes em Inglaterra, Surrey, partindo da seguinte questão: *quais os desafios e os apoios na integração escolar dos descendentes de imigrantes portugueses no sistema de ensino inglês, a partir da perspetiva de famílias e seus descendentes?*

O meu objetivo geral é perceber de que forma os descendentes de imigrantes portugueses se integram no sistema de ensino inglês, socialmente e academicamente, e entender quais os desafios e apoios existentes à integração nas escolas na perspetiva dos progenitores e dos descendentes.

Os objetivos específicos são:

1. Compreender a perspetiva dos progenitores e dos descendentes de imigrantes portugueses em relação à experiência de integração escolar no sistema de ensino inglês.
2. Averiguar que tipos apoios à integração escolar existem no sistema de ensino inglês para os filhos de imigrantes portugueses.
3. Caracterizar o perfil das famílias portuguesas, sujeitos de pesquisa deste trabalho, residentes em Inglaterra, no que diz respeito à sua faixa etária, sexo, etnia, escolaridade, posição

¹ Fonte: UK National Statistics- Population by country of birth and nationality.

económica, motivos para a imigração, domínio da língua inglesa, participação na vida escolar dos filhos e relações com a comunidade portuguesa.

4. Perceber qual a importância do domínio da língua inglesa na experiência migratória e escolar dos progenitores e dos descendentes de imigrantes.

Este trabalho encontra-se dividido em quatro partes. A primeira parte consiste no enquadramento da pesquisa, em que foi realizada uma revisão da literatura em que são explorados e conceptualizados conceitos como os conceitos de migrações e migrantes, famílias migrantes e descendente de migrante. São também explorados estudos sobre as experiências migratórias de famílias e descendentes imigrantes em Inglaterra. São abordadas as experiências dos descendentes e famílias, as relações com a escola e o sistema escolar inglês. A segunda parte, refere-se à metodologia adotada neste trabalho, explicitando as técnicas de recolha de dados. Adiante, na terceira parte apresenta-se a discussão e apresentação dos resultados, onde são debatidos os resultados obtidos. Por fim, a quarta parte destina-se à apresentação das considerações finais e conclusões da investigação.

CAPÍTULO 1

Enquadramento da Pesquisa

1. As migrações – contextualização

1.1. O conceito de migrações e migrante

As migrações são um importante fenómeno social do mundo contemporâneo, e por isso iniciamos o nosso trabalho abordando este conceito e tema. No entanto, como Nolasco (2016) afirma, “a ausência de definições claras e a diversidade de categorias migratórias utilizadas (...) são obstáculos à elaboração de diagnósticos que permitam, numa escala global, conhecer e desenvolver políticas adequadas (...)” (Nolasco, 2016, p.2). Existe uma ambiguidade conceptual sobre as migrações, não é um conceito consensual, devido ao facto de existirem “situações mistas” (Peixoto in Nolasco, 2016, p.2), em que não é possível distinguir-se uma situação de migrante ou não imigrante (Nolasco, 2016).

Como reiterado pelo Observatório das Migrações, não existe universalmente um acordo sobre a definição do que é um migrante. Anderson e Blinder (2017, p. 3), afirmam que “migrantes podem ser definidos segundo nascimento estrangeiro, por cidadania estrangeira, ou pela sua deslocação para um novo país para ficar temporariamente ou para se instalarem de forma permanente”. No processo de migração, autores como Castles, Miller & Ammendola (2005), sugerem que

“(...) os imigrantes e os seus descendentes não têm uma identidade étnica estática, fechada ou homogénea, mas sim identidades múltiplas influenciadas pela variedade cultural, social e outros factores” idem.: p. 539).

Segundo Everett Lee (1966),

“(...) as migrações são todos os movimentos que implicam uma mudança de residência permanente ou semipermanente, não tomando em conta a distância como critério, considerando como migração a simples mudança de habitação (...)” (p.49).

Neste tipo de definição ficam “amalgamados os mais variados movimentos espaciais, desde a mudança de residência na mesma cidade, ou no mesmo prédio, às migrações internacionais de longa distância (...)” (Pires, 2007, p.58). Eisenstadt (1954) usa o conceito “migração” para consagrar um determinado tipo de mobilidade espacial que opera entre sistemas sociais, ou seja, engloba uma deslocação inter-sistemas que poderá gerar processos de desintegração, na sociedade de partida e processos de (re)integração na sociedade de chegada.

Quando se trata de uma migração internacional, existem diferenças notáveis em relação a uma migração interna. Neste processo, o migrante passa a adquirir o papel de estrangeiro no país de

chegada, o que poderá subentender uma redução de direitos (Pires, 2003). Devido à variabilidade do fenómeno da migração, constata-se uma fragmentação grande nas perspetivas teóricas (Nolasco, 2016).

1.2. As famílias migrantes

As famílias migrantes, são “(...) variadas, multifacetadas e dinâmicas. Ultrapassam muitas vezes as modalidades do modelo de família nuclear e incluem vastas relações de sangue, mas também de amizade” (Menjívar, Abrego e Schmalzbauer, 2016, p.1). Este tipo de famílias ultrapassam as fronteiras nacionais, pois existem casos em que nem todos os membros da família nuclear migram, levando a que estejam a separados (idem, 2016). Este tipo de famílias, em que apenas uma parte da família migra e outra permanece, poderá designar-se por famílias transnacionais. Estas definem-se como “famílias que vivem parte ou na totalidade do tempo separadas, mas que mantêm e criam algo que pode ser tido como bem-estar e união, ou seja, uma família mesmo que ultrapasse fronteiras” (Bryceson e Vuorela, 2002, p.3). Como afirmam Menjívar, Abrego e Schmalzbauer (2016), nas famílias imigrantes, por vezes, os membros que migraram acabam por regressar ao seu país de origem. Noutros casos, permanecem de forma definitiva no país de acolhimento. As famílias imigrantes são assim “maleáveis e encarnam a mudança; são moldadas por forças externas que têm de negociar (...)” (idem: p. 4). Os autores sustentam ainda que:

“(...) tal como nas famílias não-migrantes, as famílias imigrantes são complexas. Têm momentos altos e baixos, tensões e fissuras muitas vezes relacionadas com as desigualdades de género, de gerações e de outros contextos desiguais. São estas desigualdades que moldam o que acontece às famílias imigrantes” (idem, p.4).

Tal como foi referido, as questões geracionais podem criar tensões e desigualdades e por isso ser importante definir o que se entende por descendente de imigrante.

1.3. Descendente de imigrante

O termo descendente de imigrantes ocupa um espaço importante dentro da temática das migrações. Autores como Portes (1993) designam-nos como “imigrantes de segunda geração” (Portes, 1993). Os descendentes de imigrantes são aqueles que nasceram na sociedade de acolhimento dos seus pais, ou que foram com tenra idade para essa mesma sociedade, onde questões como a do regresso à sociedade de origem não se colocam (Machado e Matias, 2006). Esta dita “segunda geração”, não se pensa como imigrante, pois segundo Machado e Matias (2006, p.4),

“(...) nasceram ou chegaram em crianças ao país de acolhimento dos seus pais, cresceram aí, frequentaram ou frequentam as suas escolas, têm ao alcance um mercado de trabalho mais

amplo e diversificado (...) interiorizam referências culturais que são das suas famílias, mas também as da sociedade de acolhimento, e têm estilos de vida que, em muitos aspetos, e para condição social idêntica, são os mesmos que observamos na juventude nativa (...).”

Podemos também questionar de quem falamos quando nos dirigimos e falamos da “criança migrante”. Este termo poderá referir-se a dois tipos de grupos de crianças “1. as crianças nascidas no estrangeiro, dentro ou fora da união europeia (migrantes de primeira-geração); 2. crianças cujo pais nasceram fora ou que têm um dos pais que nasceu fora do país (migrantes de segunda geração)” (Janta & Harte, 2016, p.10). O Reino Unido, segundo este relatório, encontra-se entre os países da União Europeia² em que existe uma maior população migrante abaixo dos 15 anos, com uma percentagem de 5,5%, em proporção a todas as crianças abaixo dos 15 anos (Janta & Harte, 2016).

2. As experiências migratórias das famílias e os descendentes portugueses no Reino Unido

2.1. As experiências escolares dos descendentes

O Office of National Statistics (ONS) do Reino Unido, em 2005, informava que mais de 32 000 crianças de outros países chegaram ao Reino Unido para viver (Reynolds, 2008, p.2). Comparando com o relatório de 2019, do Observatório das Migrações da Universidade de Oxford, 6% das crianças abaixo dos 18 anos a viver no Reino Unido nasceram fora do país, e 8% não eram britânicos/irlandeses (Fernández-Reino, 2022). Estes números demonstram como a sociedade e por consequência as escolas do Reino Unido são muito diversas, sendo esta diversidade vivida nas salas de aula, nos recreios e corredores das escolas, tornando-se em locais mais propícios para a criação de relações entre os migrantes e as comunidades de acolhimento (Reynolds, 2008).

Alguns autores como Clark et al. (1999), alertam que a educação de crianças migrantes nas escolas é um desafio, pois as escolas têm de arranjar uma forma de oferecer um ensino sensível a todos os estudantes (Clark et al. In Reynolds, 2008). Apesar de se reconhecer esta questão como um desafio, é difícil perceber o número real de crianças migrantes frequentam as escolas do Reino Unido, pois para além de nem todas frequentarem a escola, muitas das escolas não registam informação sobre a origem migratória dos estudantes, pois não é algo obrigatório por lei. O que acaba por acontecer é que as escolas registam estas crianças como “EAL” – English as an Additional Language³, dando assim um indicador de quantas crianças migrantes existem nas escolas do Reino Unido (Reynolds, 2008, p.4). Este estatuto de crianças migrantes, que percebemos ser bastante significativo na sociedade inglesa, acaba por não ter uma representação política e económica significativa comparada com outros, o que leva a que sejam “invisíveis” na sociedade (Reynolds, 2008).

² Este relatório foi publicado ainda o Reino Unido fazia parte da União Europeia.

³ EAL – inglês como Língua Adicional

Reynolds (2008) no seu estudo expõe a forma como a experiência da migração para as crianças é muito influenciada pelo seu percurso no sistema de educação. O facto de as crianças passarem tanto tempo na escola como em casa, demonstra como as experiências em ambiente escolar são muito relevantes (Reynolds, 2008). Como Adams e Kirova (2006) afirmam “(...) educar crianças com um contexto cultural, linguístico, étnico, racial e religioso diverso poderá ser tido como algo problemático” (Adams e Kirova in Reynolds, 2008, p. 4).

O desempenho escolar é uma das principais temáticas que surge quando abordamos as experiências escolares dos descendentes de imigrantes, e no caso de Reino Unido não é diferente. O baixo desempenho escolar poderá ser um dos desafios que as crianças migrantes poderão enfrentar, mas tal como foi dito anteriormente a própria escola poderá ter um papel fundamental na integração destas crianças, tanto academicamente como socialmente.

O baixo aproveitamento escolar dos alunos descendentes poderá dever-se a uma série de fatores que Damie e Lewis (2010) nomeiam, tendo por base estudos anteriores, tais como,

“(...) o pouco conhecimento de como funciona o sistema de ensino inglês; as dificuldades com a língua inglesa; a pouca assistência às aulas; a pobreza; uma educação anterior interrompida; perceções negativas por parte dos professores; pouca ligação entre a escola e o ambiente familiar e a pouca exposição à escrita da língua inglesa” (Damie e Lewis, 2010, p. 96).

Mas, de entre estes e muitos outros fatores influenciadores, é o fator da barreira linguística que coloca muitos destes alunos numa posição de baixo aproveitamento escolar. O facto de existir uma barreira linguística tanto nos progenitores, como nas crianças poderá criar desafios na participação de ambos os grupos na vida escolar (Janta e Harte, 2016). Porém, os estudos comprovam que, após ser ultrapassada esta barreira linguística, estes alunos obtêm tão bons ou melhores resultados que qualquer outro estudante inglês (Demie e Lewis, 2010).

O isolamento social é outra das temáticas levantadas pelos estudos sobre a integração dos descendentes de migrantes nas escolas. Está ligado a esta barreira linguística que, como podemos perceber, traz consigo vários desafios, entre eles o isolamento social dos alunos na escola, mas também nas famílias. Fatores psicológicos, como o isolamento, exclusão ou preconceito, como Janta e Harte (2016) mencionam no seu estudo, podem limitar as experiências dos migrantes com outras pessoas. É necessário ter em conta que estas crianças, tal como foi já referido, podem enfrentar vários problemas, como encontrar novos amigos, lidar com a solidão, o ajustamento a novos professores e a um novo sistema escolar (sendo que algumas destas crianças podem nunca ter estado numa escola antes), o ajustamento um novo ambiente cultural, racismo e sentimentos anti-imigração (Reynolds, 2008). Manzoni e Rolfe (2019), que indicam que as escolas reportam poucas aspirações para as

crianças migrantes de algumas comunidades, sobretudo para as que experienciam discriminação e exclusão (Manzoni e Rolfe, 2019).

As dificuldades socioeconómicas são outra temática que alguns estudos abordam como um desafio à integração dos alunos migrantes nas escolas, sendo considerado uma das razões para um sistema de ensino inglês mais polarizado e desigual (Janta e Harte, 2016). As famílias migrantes são um grupo bastante diverso que inclui famílias de altos quadros internacionais, mas também famílias com trabalhos pouco remunerados ou desempregados, de maior vulnerabilidade. Estudos como o de Manzoni e Rolfe (2019), mencionam estas famílias como as que trazem maiores desafios para as escolas devido às barreiras que a pobreza levanta no processo de aprendizagem e progressão das crianças migrantes. As escolas, neste estudo, tinham conhecimento das dificuldades socioeconómicas das famílias com longas horas a trabalhar e condições de vida desafiantes. Em certos casos, os progenitores têm dificuldade em aceder a informação sobre certos benefícios que teriam direito no sistema escolar, recorrendo assim à sua rede de contactos na comunidade para obter ajuda (Manzoni, 2019).

2.2. O papel da escola, comunidade escolar e das famílias

A escola e a sua comunidade podem desempenhar um importante papel na integração de alunos migrantes ou descendentes no sistema escolar, podendo apresentar medidas que beneficiem o seu desempenho escolar. Algumas das medidas são apresentadas no estudo de Demie e Lewis (2010), e passam pela escola apresentar uma boa liderança na sua direção e que esta demonstre preocupação em conhecer as necessidades e aspirações dos seus alunos, incluindo as dos alunos migrantes. Para esta medida funcionar é necessário existir uma boa comunicação entre todos os membros da comunidade escolar. Outra medida importante a ser implementada pelas escolas, e mencionada por alguns autores como Demie e Lewis (2010), Janta e Harte (2016) e Manzoni e Rolfe, (2019), é a diversificação da equipa escolar. O facto de a escola poder apresentar uma comunidade escolar diversa transmite uma mensagem de valorização à comunidade migrante, pois ao ter presente membros de vários contextos entre eles migrantes, poderá fazer com que os alunos migrantes reconheçam a sua própria cultura num contexto diferente do seu de origem ou familiar (Damie e Lewis, 2010). Alguns investigadores da área concordam que

“(…) o aumento da proporção de professores com passado migrante representa a diversidade das sociedades e das salas de aula e poderá ser importante para reduzir as diferenças entre as crianças migrantes e não migrantes” (Janta e Harte, 2016. p.25).

Esta maior representação de professores com origem migrante poderá ajudar as crianças pois, estes professores poderão servir como modelos a seguir e ter uma influência positiva nos estudantes

migrantes, estimulando a sua confiança e motivação no desempenho escolar (Janta e Harte, 2016). O aumento da proporção de professores etnicamente diversos ou com origem migrante poderia ajudar as experiências destes alunos migrantes a serem menos desafiantes e dar-lhes um sentido de pertença no contexto escolar (Manzoni e Rolfe, 2019). Porém, é importante que os professores apresentem certas competências para poderem ensinar um grupo de alunos com uma grande diversidade cultural, sendo que algumas dessas competências devem passar por ajudar a criar boas relações com os pares, ter em consideração os valores das famílias e conseguir lidar com situações complexas que possam surgir em ambiente de sala de aula (Manzoni e Rolfe, 2019).

O envolvimento dos pais e a criação de um ambiente seguro para as famílias migrantes no sistema escolar inglês é outro dos pontos muito importantes para garantir o sucesso escolar e a boa integração num novo contexto escolar. As medidas sob este ponto, aliam-se ao ponto sobre a direção e restante comunidade escolar inclusiva e preocupada com os seus alunos migrantes e não-migrantes, tal como já foi referido anteriormente. Assim, autores como Manzoni e Rolfe, (2019) identificam algumas medidas que as escolas podem levar a cabo tais como, “(...) criar um ambiente inclusivo para os estudantes e para as famílias e otimizar a performance dos estudantes que podem necessitar de um suporte adicional” (Manzoni e Rolfe, 2019, p. 2). É igualmente importante a boa comunicação entre a escola e os pais dos alunos e, para que a questão da barreira linguística não seja um entrave a esta relação escola-pais, as próprias escolas podem criar formas para se comunicarem como a criação de workshops sobre o funcionamento do sistema escolar inglês (Damie e Lewis, 2010). Tal como foi já referido, em muitos casos, as famílias não têm conhecimento de como funciona o sistema escolar e dos seus direitos.

A barreira linguística é um dos pontos mais abordados pelos autores como um dos principais desafios à integração das crianças migrantes ou descendentes nas escolas inglesas. Esta barreira linguística poderá levantar questões desafiantes para as crianças. Por exemplo, por não dominarem a língua inglesa podem não conseguir realizar exames escolares importantes e assim condicionar o seu sucesso escolar. As famílias, como já foi mencionado, podem enfrentar desafios perante o sistema escolar e uma das potenciais razões poderá ser o não domínio da língua inglesa. É assim necessário que as escolas promovam apoios a estes estudantes, de forma a mitigar as dificuldades na integração na escolar, como a criação de programas de mentoria para os alunos migrantes e/ou descendentes. Estes programas poderão ser uma forma de aumentar a confiança destas crianças na escola e fora dela, promovendo oportunidades de integração e ajuda para todos os estudantes e não só migrantes e que podem acontecer em contexto escolar ou fora dele na comunidade. Alguns exemplos serão a criação de centros de estudos onde os estudantes migrantes ou marginalizados podem receber ajuda na realização dos seus trabalhos de professores ou voluntários. Este tipo de atividade/projeto adequa-

se principalmente em contextos em que os pais não conseguem monitorizar os seus filhos devido à sua carga de trabalho (Janta e Harte, 2016).

Autores como Abreu, Silva e Lambert (2003) no seu estudo sobre a integração de alunos portugueses na escola inglesa, mencionam ainda que, por não dominarem a língua, os alunos migrantes à entrada no ensino inglês podem enfrentar desafios na criação de laços com os seus pares. As autoras referem também como é importante as escolas fornecerem tradutores e serviços de interpretação de forma a ajudar os pais para que a língua não seja um problema. O envolvimento do país na escola dos filhos pode ser feito de várias formas, como por exemplo por

“(…) pais embaixadores, várias atividades que os levem à escola e ajudem os filhos no processo de aprendizagem (….) eventos sociais, workshops (….) Estas atividades podem beneficiar as comunidades de acolhimento, muitas que nunca tiveram contacto com pessoas de outras culturas, mas que experienciam o isolamento social” (Manzoni e Rolfe, 2019, p.4).

Nos casos em que as famílias não sentem este tipo de apoio da escola, poderá criar-se uma perda de ligação importante entre a família e escola, podendo aumentar as dificuldades de integração no sistema escolar inglês. Nos casos em que não existe uma ligação entre a escola e a família, a comunidade a que se pertence poderá tornar-se importante no momento de tomar decisões em relação ao percurso escolar, apoiando na tomada de decisão de por exemplo, a escolha da escola (Abreu et al, 2003).

Por fim, um último ponto bastante importante está relacionado com a criação por parte das escolas de um currículo escolar mais inclusivo. Alguns autores afirmam que o facto de em muitos dos currículos, programas e manuais escolares estarem ausentes temas e experiências migrantes podem causar nos alunos migrantes sentimentos negativos, por não se reverem nos temas lecionados, sentindo-se inferiores aos alunos nativos. Estes sentimentos podem afetar negativamente a autoestima dos alunos e por consequência o seu aproveitamento escolar (Hanta e Jarte, 2016).

2.3. O sistema educativo inglês

É importante para melhor entendimento das experiências escolares dos descendentes, como dos progenitores, perceber como funciona o sistema educativo inglês. No Reino Unido, apesar de algumas diferenças entre Inglaterra, a Escócia, o País de Gales e Irlanda do Norte, o sistema de ensino divide-se em cinco fases sendo elas, os “early years”, “primary”, “secondary”, “Further Education (FE)” e “Higher Education (HE)”. A educação é obrigatória dos cinco aos dezasseis anos, sendo que a “further education” e a “higher education” não são fases obrigatórias. O sistema de classificações inglês apresenta algumas diferenças relativamente a outros tipos de sistemas, como por exemplo o aplicado em Portugal. Em Inglaterra, as classificações vão entre 1 e 9, sendo que neste sistema as classificações

acima do 4 são positivas permitindo a passagem de ano.⁴ Este sistema é aplicado também para a avaliação dos exames GCSE - General Certificate of Secondary Education. Estes exames são realizados entre os 14 e 16 anos, sendo exames importantes e tidos bastante em conta pelas escolas, universidades e locais de trabalho. Estes exames consistem na avaliação em várias matérias, podendo os resultados abrir várias oportunidades em termos de trabalho, educação superior ou cursos profissionais.⁵

No sistema educativo inglês, no momento da integração de estudantes migrantes muitos são integrados como alunos com EAL – English as an Additional Language⁶. Como Manzoni e Rolfe (2019), explica no seu estudo “as escolas categorizam os estudantes de acordo com as suas necessidades linguísticas (...) no entanto, a categoria “EAL” é usada pelo departamento da educação de uma forma abrangente para se referir às crianças em que a sua língua materna não é inglês, mas que são fluentes no inglês, mas também crianças que chegaram recentemente ao Reino Unido com ou sem qualquer competência na língua” (Leung in Manzoni, 2019. p.8). Como Manzoni e Rolfe (2019) informam, 21,1 % dos estudantes nas escolas primária definem o inglês como uma segunda língua.

Como algumas investigações comprovam, a maioria dos estudantes “EAL”, e sem qualquer conhecimento de inglês, passam por um período definido como o “período do silêncio”. Este consiste na fase bastante comum durante o processo de aprendizagem da nova língua, o inglês. Poderá transparecer durante este período que a criança não estará a aprender, porém apesar do seu silêncio a criança está a absorver as estruturas e o vocabulário da língua inglesa. Este período poderá variar na sua duração, pois irá variar consoante a personalidade da criança e também do suporte que a escola oferece (Manzoni e Rolfe, 2019). Vários estudos nesta área, no Reino Unido, demonstram que entre os 5 aos 16 anos os migrantes de segunda geração identificados como “EAL” estão inicialmente em desvantagem, mas esta mesma desvantagem é reduzida ao longo do seu percurso escolar (Manzoni e Rolfe, 2019). Segundo Welply (2019, p.5),

“(…) no Reino Unido as crianças com EAL são retratadas de uma forma negativa, ideia que emergiu devido a revistas e aos media. As escolas inglesas eram apresentadas como “inundadas” por falantes não-ingleses, que é visto como algo ameaçador ao caráter da escola inglesa e um gasto de recursos”.

⁴Fonte:

https://assets.publishing.service.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/219167/v01-2012ukes.pdf

⁵ Fonte: <https://educationhub.blog.gov.uk/2021/08/06/how-does-the-9-1-gcse-grading-system-work/>

⁶ EAL- Inglês como Língua Adicional

CAPÍTULO 2

Metodologia de Investigação

1. Métodos de pesquisa

É importante definir os métodos na realização de um trabalho de investigação, e por esse motivo e tendo em consideração os objetivos do presente trabalho foi escolhida a metodologia qualitativa, que segundo Becker (2014) tem como objetivo “(...) observar a realidade social e também responder a questões específicas sobre a realidade social.” (p.186).

Pretende-se com a presente investigação responder à seguinte pergunta de partida: *Quais os desafios e os apoios na integração escolar dos descendentes de imigrantes portugueses no sistema de ensino inglês, a partir da perspetiva de famílias e seus descendentes?* Sendo assim o objetivo geral é perceber como os descendentes de imigrantes portugueses e as suas famílias se integram no sistema de ensino inglês, socialmente e academicamente, e entender quais os apoios existentes à integração nas escolas, a partir da perspetiva das famílias e dos seus descendentes.

2. Campo empírico, universo e amostra

A presente investigação foi realizada em Inglaterra e Portugal, com membros de uma comunidade portuguesa em Surrey. Para este trabalho foram tidos em conta dois universos, os progenitores migrantes em Inglaterra, tendo sido entrevistados sete progenitores, todos eles imigrantes, e os descendentes de imigrantes a viver e a frequentar a escola inglesa, tendo sido entrevistados cinco descendentes totalizando doze entrevistados nesta investigação. É importante mencionar que os entrevistados desta investigação foram escolhidos através de um contacto privilegiado na comunidade portuguesa em causa, tendo sido contactadas as famílias que se inseriam no perfil pretendido, imigrantes em Inglaterra e com filhos a frequentar o sistema de ensino inglês.

3. Técnicas de recolha de dados

Na realização do presente trabalho foi aplicada a técnica de recolha de dados das entrevistas semiestruturadas.

a) *As entrevistas semiestruturadas*

A técnica da entrevista segundo Weiss (1994) permite o acesso a observar, mas também pode ser uma forma de informar o investigador sobre a vida social, podendo aprender quais as ocupações, culturas e valores. É através da entrevista que podemos aprender sobre as experiências das pessoas e perceber como essas pessoas entendem e interpretam certas situações (s.p) E tal como Gil (2008) afirma, uma entrevista obriga a algum tipo de estruturação, mas o entrevistador fornece alguma liberdade ao entrevistado. Foram assim aplicadas entrevistas semiestruturadas a todos os entrevistados. As entrevistas com os descendentes de imigrantes portugueses tinham como objetivo perceber a sua

integração na escola inglesa, a sua relação com a língua inglesa e portuguesa e os tipos de apoios que possam ter tido na escola inglesa. É de salientar que em algumas das entrevistas aos descendentes, apesar de ter sido seguido o guião de entrevista semiestruturada, foram feitas algumas mudanças de forma que os descendentes mais novos compreendessem de forma clara as questões colocadas, tendo mesmo uma das entrevistas sido realizada em ambas as línguas (portuguesa e inglesa).

Quanto às entrevistas com os progenitores dos descendentes estas tiveram como objetivo perceber o seu percurso como migrante e adaptação a um novo país, a sua relação com língua inglesa e por fim a sua relação com escola que os seus filhos frequentam em Inglaterra e quais os apoios existentes à integração no sistema escolar inglês.

De mencionar, que algumas das entrevistas, tanto aos progenitores como aos descendentes, tiveram de se realizar via online, devido a contratempos de tempo. Assim, algumas das entrevistas foram realizadas presencialmente em Inglaterra, e outras entrevistas via online, já em Portugal.

4. Aspetos éticos

Uma investigação pode “(...) levar ao tratamento de questões privadas, aspetos sensíveis da vida social, e também atividades de rotina da vida normal. No entanto, seja qual for o tipo de situação é importante que toda qualquer situação em investigação seja tratada com sentido de ética” (Boellstorff, 2013, p.129) Mas, é necessário ter em consideração os princípios éticos de uma investigação académica que são o de responsabilidade, honestidade, fiabilidade e rigor, objetividade e integridade, segundo Despacho nº86/2016 – ISCTE-IUL.

Como Boellstorff (2013) afirma, um dos erros que pode acontecer numa investigação é a revelação inapropriada das informações dos informantes e as suas identidades, e por isso ser importante o investigador saber como proteger as informações recolhidas e os seus informantes. Nesse sentido, no presente trabalho foi tida em conta a privacidade e confidencialidade de todos os entrevistados e foi apresentado um documento de consentimento informado, a todos os progenitores entrevistados, tendo sido lidos e assinados. E no caso dos descendentes de imigrantes entrevistados, por serem todos menores à data da condução das entrevistas, foi apresentado aos progenitores um documento de proteção e segurança dos participantes, conforme o Código de Conduta Ética do ISCTE (Despacho nº86/2016 – ISCTE-IUL) prevê. Obteve-se igualmente o consentimento de todos os entrevistados para a gravação das entrevistas.

CAPÍTULO 3

Apresentação e Discussão dos Resultados

1. Caracterização dos entrevistados

Os sujeitos de pesquisa entrevistados nesta investigação, os progenitores e os descendentes de imigrantes, são tal como mencionado previamente neste trabalho residentes na área de Surrey, Inglaterra. Este local foi escolhido devido ao conhecimento prévio de que residiam nesta área várias famílias imigrantes portuguesas. Esta investigação foi realizada tendo por base dois universos (progenitores e descendentes), pois é o objetivo desta investigação entender as duas perspetivas do processo de integração escolar no sistema escolar inglês.

No que diz respeito aos descendentes de imigrantes é possível verificar que foram entrevistados três descendentes do género feminino e dois descendentes do género masculino. A faixa etária varia entre os 7 e os 16 anos, sendo que a maioria se encontra entre os 7 e 8 anos. No que respeita ao ano escolar que frequentam, a maioria encontra-se ainda no primeiro ciclo (entre o 3º e 4º ano), estando apenas 2 descendentes no ensino secundário (11º e 12º ano). Relativamente ao local de nascimento a maioria nasceu já em Inglaterra (3 dos 5 descendentes) e apenas 2 descendentes nasceram em Portugal e residem atualmente em Inglaterra tendo chegado com as idades de 5 anos (D2) e 7 anos (D1). Por fim, sobre a sua nacionalidade, todos os descendentes têm nacionalidade portuguesa, mas a sua naturalidade varia entre nascidos em Inglaterra (D3, D4 e D5), naturais de Surrey, Inglaterra e nascidos em Portugal (D1 e D2), neste caso naturais de Leiria.

Tabela 1. Caracterização dos Descendentes de Imigrantes

	Género	Idade	Ano Escolar	Local Nascimento	Nacionalidade/ Naturalidade
Descendente1 (D1)	Feminino	16	12º	Portugal	Portuguesa / Leiria
Descendente 2 (D2)	Masculino	15	11º	Portugal	Portuguesa / Leiria
Descendente 3 (D3)	Feminino	7	3º	Inglaterra	Portuguesa / Surrey, Inglaterra
Descendente 4 (D4)	Masculino	7	3º	Inglaterra	Portuguesa Surrey, Inglaterra
Descendente 5 (D5)	Feminino	8	4º	Inglaterra	Portuguesa/ Surrey, Inglaterra

Fonte: Elaboração própria com informação obtida nas entrevistas

A análise da tabela 2 permite-nos observar que a maioria dos progenitores entrevistados é do sexo feminino (6 feminino e 1 masculino), e a faixa etária varia entre os 27 aos 49 anos. Sobre o seu estado civil, apenas uma das progenitoras (P6) é solteira, sendo os restantes casados. Relativamente ao número de filhos a maioria tem entre 1 e 2 filhos, com a exceção do progenitor P3, que tem 4 filhos⁷. Sobre a sua nacionalidade todos os progenitores são portugueses, sendo que a sua naturalidade varia, sendo possível observar que 5 dos 7 entrevistados são da Madeira, 1 de Leiria e 1 de Lisboa. Em relação às habilitações literárias apenas um dos progenitores (P7) completou o ensino superior, sendo que 4 (P1, P4, P5 e P6) completaram o 12º ano e dois desses têm um curso profissional (P1 e P5). Dois progenitores (P2 e P3) concluíram os estudos até o 9º ano. Por fim, em relação à sua atividade profissional 5 dos 7 entrevistados trabalham na área da saúde em Inglaterra (P1, P3, P4, P6 e P7) e um dos entrevistados trabalha ao atendimento ao público (P5) e outro numa fábrica (P2).

Tabela 2. Caracterização dos Progenitores Imigrantes

	Género	Idade	Estado Civil	Número Filhos	Nacionalidade/ Naturalidade	Habilitações Literárias	Profissão atual/Em Portugal
Progenitor1 (P1)	Feminino	49	Casada	2	Portuguesa / Leiria	12º Ano- Curso Profissional	Cuidadora num Lar / Assistente Fisioterapia
Progenitor2 (P2)	Masculino	42	Casado	2	Portuguesa/ Madeira	9º Ano	Fábrica / Técnico Hoteleiro
Progenitor3 (P3)	Feminino	42	Casada	4	Portuguesa/ Madeira	9ºAno	Hospital / Não teve
Progenitor4 (P4)	Feminino	27	Casada	2	Portuguesa/ Madeira	12ª Ano- Curso Profissional Cozinha	Auxiliar de Enfermagem/ Cozinheira/ Pasteleira
Progenitor5 (P5)	Feminino	27	Casada	1	Portuguesa/ Lisboa	12ºano	Atendimento ao Público/ Não teve
Progenitor6 (P6)	Feminino	27	Solteira	1	Portuguesa/ Madeira	12ºano	Área de Saúde/Agente Viagens
Progenitor7 (P7)	Feminino	32	Casada	2	Portuguesa/ Madeira	Curso Superior- Enfermagem	Enfermeira / Não teve

Fonte: Elaboração própria com informação obtida nas entrevistas

⁷ Para esta investigação foram apenas tidos em conta dois dos filhos pois são os que frequentam a escola inglesa no momento desta investigação.

2. As famílias imigrantes portuguesas

2.1. A condição de migrante

Apesar deste estudo se focar essencialmente em perceber quais os tipos de apoios existentes na integração na escola inglesa dos descendentes de imigrantes e as suas famílias, é importante contextualizar as famílias entrevistadas para melhor entendimento e análise da sua experiência no contexto escolar inglês.

Assim, e como se pode observar no ponto anterior deste capítulo⁸ os progenitores entrevistados são essencialmente mães, e apenas um pai foi entrevistado. Nas entrevistas aos progenitores comecei por realizar perguntas sobre a sua condição de migrante, o tempo de permanência em Inglaterra, os motivos para a migração, os pontos positivos ou negativos de serem imigrantes ou a relação com outros portugueses migrantes na área.

Em relação ao tempo da migração, tirando a Progenitora 3 que vive há trinta e dois anos em Inglaterra, os restantes progenitores estão a viver em Inglaterra entre os 13 a 8 anos. Quando questionados sobre os motivos que os levaram a tomar a decisão de deixar o seu país de origem, o principal motivo está associado à questão laboral e financeira, e a falta de oportunidades em Portugal.

“(…) foi na altura da grande crise que se deu em Portugal e que se deu na altura na Grécia e não havia trabalhos. E o que é que aconteceu? Eu tinha o meu gabinete, mas tinha protocolos com muitas pessoas que trabalhavam para o estado (...) E começou-se a notar logo a caída de clientes que eu tinha e acabei por fechar [o seu gabinete] e decidi vir para cá. Porque fiz mais de 100 aplicações... ou seja, enviei mais de 100 currículos e posso dizer que não fui a nenhuma entrevista... ninguém me chamou porque já tinha 39 anos e já era muito velha para trabalhar em Portugal” (P1)

“(…) um dos principais motivos era porque em Portugal não havia muito acesso a trabalho ... embora tenha ido a entrevistas de emprego havia sempre algo... ou os padrões não encaixavam, ou era porque era mulher... havia sempre uma desculpa para não empregar... até mesmo ser acima do peso, havia sempre uma desculpa.” (P5)

“Quando acabei o curso de enfermagem não havia muitas oportunidades em Portugal e por isso decidi imigrar e fiz algumas entrevistas para vários países... austrália, suíça..., mas acabei por optar por vir para cá.” (P7)

⁸ Tabela 2 Caracterização dos Progenitores Entrevistados

Sobre os apoios que tiveram durante o processo de mudança de país, a maioria dos progenitores teve ajuda dos seus familiares em Portugal, por exemplo através do pagamento das passagens aéreas ou apoio na organização da vida que deixavam para trás. Alguns dos entrevistados tinham alguém já a viver em Inglaterra e que os ajudou no processo de integração, dando-lhes uma casa onde ficar ou ajudando na procura de um emprego. Uma das razões para que este apoio já em Inglaterra se tenha revelado tão importante poderá dever-se ao facto de que todos os progenitores entrevistados imigraram sozinhos, apesar de em quase todos os casos os companheiros/as e restante família se terem juntado meses depois. A mudança para um novo país foi muito desafiante pois estiveram em quase todos os casos sozinhos durante meses.

“(...) em Portugal tive a minha família. (...) e não foi um processo fácil porque eu tive de deixar o meu marido e os meus filhos... (...) E pronto... vim porque tinha uma amiga enfermeira e que ela dizia muitas vezes que havia sempre cá trabalho (...)” (P1)

“Só de família... a minha mãe na Madeira e aqui da minha tia e da minha avó... eu não falava nada de inglês, então eram elas o meu apoio e o único que eu tive.” (P3)

“E como tinha já um irmão a viver cá fazia uns 3 ou 4 anos, fiquei na casa dele... foi um bocadinho de paraquedas e tive de ficar a viver na sala dele e assim, mas tive essa ajuda quando cheguei, ou seja, tinha onde ficar e quem de apoiar nos primeiros tempos! E depois ajudaram-me a arranjar um espaço onde ficar e assim.” (P4)

Questionados sobre as dificuldades que enfrentaram no momento da sua chegada, a língua foi a dificuldade mais mencionada, de forma unânime, e tida como a principal dificuldade experienciada. No entanto, outras foram mencionadas como as saudades do país de origem e das suas famílias ou a integração numa nova cultura e estilo de vida. Estas dificuldades foram superadas ou geridas no caso das saudades da família e do país de origem.

“No meu caso foi mesmo a língua inglesa... ao ir a um médico, supermercado... encontrava algumas dificuldades, mas devagarinho as coisas se vão compondo!” (P2)

“Foi muito difícil... eu chorava todos os dias.... Porque eu não percebia nada e não podia ir comprar nada porque não entendia nada e eu tinha apenas 16 anos e tinha muitas saudades das minhas irmãs, da minha mãe e do meu pai e pronto... sentia-me muito isolada” (P3)

“Dificuldades... a língua, a cultura sem dúvida..., é muito diferente. Mas houve um choque em tudo. Até o clima foi um choque.” (P7)

Questionados sobre que balanço faziam da sua experiência migratória, apesar das dificuldades mencionadas todos os progenitores acabam por concluir que cresceram e evoluíram com a sua experiência migratória, e que as dificuldades se superaram. Apesar de a saudade do seu país e famílias continuar, a sua casa é agora ali (em Inglaterra) com as famílias que aí construíram e suas conquistas laborais.

“(...) em relação a sentimentos eu no início sentia muita revolta por Portugal e pensava que nunca mais queria voltar. Mas, depois é assim ... sabes quando trazes uma família é diferente... tens de ganhar muito dinheiro para te manteres aqui ... (...)” (P1)

“(...) acho que de início a língua é o primeiro impacto e dificuldade que enfrentamos e o não conseguirmos falar é difícil. De resto vamos nos adaptando com o tempo... o clima, a comida, as pessoas... é tudo diferente! Mas, vamos adaptando aos poucos e agora estou bem! Voltar a Portugal... não está nos meus planos de momento.” (P2)

“(...) Ajudou-me a crescer... e ajuda-me a dar mais valor a Portugal, à família... e como em qualquer sítio quando estamos lá, não damos realmente valor ao que temos e quando imigramos e olhamos para atrás vemos como estávamos bem... claro que em nível financeiro eu não estava bem, mas tinha a outra parte da família, os amigos... o conforto que aqui fica mais difícil de ter. (...) E desta escolha vieram coisas muito boas... nós, entretanto casámos, tivemos duas filhas... e tem sido bom.” (P4)

“É uma montanha-russa! Foram muitos altos e baixos..., mas agora estou feliz cá e o meu filho nasceu cá então tenho mais razões para ficar cá, porque é onde ele está habituado a estar..., e habituei-me já à língua ficou mais fácil.” (P6)

Por fim, os progenitores foram questionados sobre se tinham algum tipo de contacto e relação com outros portugueses imigrantes, residentes na mesma área, todos os casos existiam contactos com outros portugueses e laços de amizade entre muitos, que em certas ocasiões ao se juntarem partilham experiências e existe uma entreatajuda. Não sentem, no entanto, que exista uma comunidade exatamente. Sabem que podem contar com a ajuda desses outros portugueses que conhecem e são amigos.

2.2. A relação com a língua inglesa

Como foi possível constatar no ponto anterior, a língua foi das principais dificuldades enfrentadas pelos progenitores quando chegaram a Inglaterra. Questionados sobre a sua relação com a língua inglesa atualmente e como integram a língua inglesa e a língua portuguesa no seu dia-a-dia, de uma forma geral todos estão em concordância entre si.

O uso da língua inglesa no caso dos progenitores (P1, P2, P3, P4 E P7) é essencialmente nos contextos laborais, que por trabalharem em locais em que o inglês é predominante apesar de poder terem colegas portugueses, usam o inglês para se comunicar.

“O inglês mais na rua... com amigos ingleses, no supermercado e no trabalho (...)” (P2)

“(...) o inglês é no trabalho essencialmente.” (P7)

Já o uso da língua portuguesa é dominante nos contextos domésticos. Em todos os casos os progenitores optam por falar o português em casa, uma forma de manter viva a língua de origem em casa e perante os filhos. Questionados sobre que língua usam para comunicar com os filhos, a maioria afirmou usar a língua portuguesa para comunicar, apesar de não ser a 100%, devido à influência da língua inglesa numa base diária. Mesmo assim, o uso do português é dominante em contexto doméstico com os filhos. No entanto, um dos progenitores (P6), afirma falar predominantemente o inglês com o filho seja qual for o contexto, mas que tenta introduzir algumas vezes o português.

“Sim... diria que uso 10 % inglês e 90% o português com elas!” (P4)

“Em português... apesar do meu filho falar mais em inglês e ela perceber mais o português, falamos sobretudo em português.” (P7)

“Sobretudo em inglês. Mas, às vezes falo metade inglês, metade português.” (P6)

2.3. Relação dos progenitores com o sistema escolar inglês

Segundo Janta e Harte (2016), é importante que os progenitores tenham uma boa relação com a escola que os seus filhos frequentam. Por isso, é importante um suporte por parte da escola para esta relação ser eficaz e o seu envolvimento poder ser benéfico para desempenho escola do estudante (p. 29). Foi neste sentido que foram colocadas várias questões sobre o tipo de relação que os progenitores entrevistados tinham com a escola que os seus filhos frequentam.

Primeiramente os progenitores foram questionados sobre a forma como escolheram a escola para os seus filhos frequentarem, por ser uma das questões que se coloca sobre quando o estudante começa a sua vida escolar e como Janta e Harte (2016) afirmam,

“(…) a escolha da escola poderá não ser uma escolha totalmente livre dos progenitores. A escolha da escola poderá reforçar algum tipo de segregação caso as escolas possam ter a oportunidade de escolher os seus estudantes com base e certos critérios, como por exemplo a distância da escola ou o desempenho do estudante (...)” (idem: p.23).

Assim, as respostas dos progenitores à questão de como escolheram a escola dos seus filhos são muito semelhantes entre si pois o processo de escolha ocorreu de igual forma em todos os casos. Os progenitores explicam que é apresentada uma lista das escolas, no site do município, em que estas estão em forma de ranking (da melhor escola, para a menos boa). Nesse momento, os progenitores escolhem as três escolas que acham melhor (no caso, todos os progenitores afirmam escolher as escolas que estão classificadas como as melhores) e depois são as escolas que fazem um processo de seleção das candidaturas, consoante alguns critérios como a distância da escola, se for uma escola religiosa, a religião da criança, entre outros critérios. É possível que nos anos mais avançados, seja necessário a realização de uma entrevista ao estudante para perceber o seu perfil, o que aconteceu aos descendentes D1 e D2. Todos os progenitores, apesar destes critérios, afirmam que os seus filhos ficaram sempre colocados na sua primeira opção, ou seja, a melhor escola do ranking consoante a sua área de residência.

“Temos online as informações sobre a escolas, os resultados da escola... aqui todos os anos o governo faz avaliações às escolas e depois elas ficam categorizadas da melhor à pior escola... e nós escolhemos a escola consoante esses resultados. Mas existem alguns critérios para a entrada nas escolas..., mas temos sorte que aqui perto de casa temos duas escolas muito boas e foram onde eles entraram. (...)” (P2)

“Aqui em Inglaterra vamos ver as escolas na área de residência e depois consoante a sua classificação fizemos a candidatura para as escolas. E no nosso caso, e como na maioria, ambos ficaram nas primeiras opções... e também tem outros critérios se queres uma escola religiosa é um exemplo.” (P7)

Sobre a relação concreta que têm com a escola, como por exemplo os tipos de contacto têm com a mesma e a frequência que a contactam, todos os progenitores afirmam que as escolas que os seus filhos frequentam são bastante comunicativas, no sentido em que eles, como progenitores, estão sempre ao corrente dos acontecimentos da escola e dos seus eventos. No caso dos descendentes mais novos (D3, D4 e D5), os progenitores (P3, P4, P5, P6 e P7) têm informação diária sobre o dia a dia dos seus filhos e do que foi lecionado. E por existir esta relação próxima com a escola e com os professores, o contacto dos progenitores é muito raro, sendo apenas realizado em situações de doença, por exemplo. Os progenitores afirmam que os professores estão disponíveis para falar sem ser preciso marcar algum tipo de reunião.

Sobre a comunicação com a escola,

“Aqui as escolas são algo impressionante... eles são capazes de te enviar 2 a 3 e-mails por dia que chega a uma altura que até desligas... chega a ser demasiado. (...)” (P1)

“Não! Nunca senti qualquer problema a comunicar com a escola... é muito fácil. Por exemplo, se quisermos falar com a diretora da escola não precisamos de marcar uma reunião específica... ela tem sempre 5 a 10 minutos que pode falar connosco (...)” (P3)

“Não! Nunca tive problemas com a escola... eles são muito acessíveis para comunicar e nunca tive nenhum problema.” (P6)

A frequência de contacto com a escola,

“Não muito... mais quando eles estão doentes e temos de os informar.... E temos a opção de poder comunicar com a professora a partir do website da escola e assim.” (P2)

“Será esporadicamente... quando tenho algum assunto a tratar.... Diria 1 ou 2 vezes, mas isso a área de secretaria. Porque com as professoras e tenho o feedback quase diário de como está a correr a escola!” (P4)

Foi referido no capítulo da revisão da literatura que uma escola diversificada com membros com passado migrante ou étnico poderá trazer vantagens para alunos descendentes de migrantes. De forma a perceber o contexto étnico e migrante nas escolas que os descendentes frequentam, os progenitores foram questionados sobre a existência de membros do staff da escola com passado migrante ou étnico, principalmente portugueses. As respostas variaram, pois, apesar de todos mencionarem que sim, existem alguns membros do staff da escola que percebem ser migrantes ou com passado migrante (como espanhóis ou polacos), relativamente a membros portugueses, só uma das progenitoras (P1) afirmou saber que uma professora tinha origem portuguesa. Já em relação a colegas dos seus filhos, que fossem migrantes portugueses ou com algum passado migrante, apesar de alguns progenitores afirmarem que existem alunos de outras nacionalidades, apenas uma das progenitoras (P6) afirmou existirem bastantes alunos com nacionalidade portuguesa na escola do seu filho.

No que diz respeito aos membros do staff da escola,

“Sim, a professora de espanhol do meu filho tem um dos pais que é português e ela viveu em Portugal.” (P1)

“Não, não português não. Tem staff que é espanhol, mas não português.” (P7)

Sobre os colegas de turma portugueses ou com passado migrante,

“Não, na escola que ela anda agora não tenho conhecimento. Tem meninos de muitas outras nacionalidades, mas portugueses não.” (P5)

“Sim, bastantes! Houve-se muitos portugueses e também brasileiros... só na turma dele acho que tem uns 4 meninos.” (P6)

Ainda no contexto da relação dos progenitores com a escola, foi mencionado no capítulo da revisão da literatura que no processo de integração os alunos migrantes ou descendentes podem ser identificados como EAL- English as na Additional Language, uma forma de categorizar os alunos conforme as suas necessidades linguísticas (Manzoni e Rolfe, 2019). Assim, os progenitores foram questionados se tinham conhecimento se o/os seu/seus filho/s estava/m identificado/s como EAL nas escolas que frequentavam ou se alguma vez estiveram identificados. A maioria dos progenitores (P1, P2, P3, P4 E P5 E P7) afirmaram não ter qualquer conhecimento desta identificação e afirmaram que não, os seus filhos não estavam ou estiveram identificados como EAL, nem mesmo a progenitora que teve os seus dois filhos (D1 e D2) a frequentarem a escola sem qualquer conhecimento de inglês. No entanto, a progenitora P5 afirma que apesar de não lhe ter sido dito concretamente que a sua filha estava identificada como EAL, que a escola a informou que considerava que a primeira língua da sua filha seria o português e a segunda língua, o inglês levando esta progenitora a acreditar que a sua filha possa estar sim identificada como EAL.

“(...) quando tive agora o último feedback da escola eles disseram-me que a primeira língua dela é o português e a segunda é o inglês. Ou seja, eu acredito que ela esteja identificada como tendo o inglês como segunda língua e o português como a língua materna. Mas, acredito que possa mudar..., mas não sei se oficialmente está mesmo identificada.” (P5)

Os progenitores foram questionados se achavam o sistema de ensino inglês diferente do sistema de ensino português. As respostas revelam que sim, os progenitores sentem que existem algumas diferenças. Uma das situações mais mencionadas e pela positiva, relativamente ao sistema escolar inglês, é o facto de os estudantes não terem quase nenhum tipo de trabalho de casa, o que os pais acham positivo, pois permite que os seus filhos descansem ou até possam fazer outras atividades. Esta questão dos trabalhos de casa é também salientada por uma das descendentes (D1), afirmando ser umas das diferenças que mais notou entre os dois sistemas escolares. Uma outra questão levantada em relação ao sistema inglês é o facto de os progenitores sentirem que, em comparação com o sistema português, nos primeiros anos da escola (pré-escolar e primária no sistema português), os estudantes são mais expostos a um tipo de ensino mais desafiante a nível dos conhecimentos, em que, muito novos, já sabem ler ou contar, por exemplo. Sentem que é um sistema escolar que expõe muito mais cedo as crianças a variados conhecimentos. Há progenitores que acham este aspeto positivo:

“Eu acho que eles aqui puxam mais por eles... e acho que eles aqui aprendem as coisas mais rápido do que me Portugal!” (P3)

“Eu acho que por ter a minha filha ainda na pré-escolar, um sobrinho no 1º ano e a minha sobrinha no 4º ano e vendo os meus sobrinhos que estão em Portugal eu acho que a escola aqui é completamente diferente, mas pelo lado bom! Na fase inicial... aqui introduzem mais... no meu ponto de vista... eles aqui introduzem os números, as letras já na “nursery” ... ela só tem

4 anos, mas já sabe as letras, os números, já tenta fazer a fonéticas, os sinais... enquanto o meu sobrinho que está no 1º ano em Portugal está ainda a aprender isto tudo... (...)" (P5)

Mas, outros que sentem que é demasiado cedo,

"Para já... acho o nosso sistema escolar, digo o português, melhor. Eles aqui começam a escolaridade muito cedo, acho que que 4 anos não têm noção do que é a escola e elas querem é brincar... nós iniciamos aos 6 anos a escola, e já faz diferença. Mas, acho muito cedo para eles aprenderem... não têm maturidade." (P6)

Por fim, os progenitores foram questionados se achavam que por os seus filhos frequentarem o sistema escolar inglês será uma vantagem para o futuro. De forma geral, todos os progenitores concordam que o facto de os seus filhos frequentarem o sistema inglês será uma vantagem, nem que seja porque serão fluentes na língua inglesa e isso atualmente é importante para o seu futuro. Mas, outros fatores positivos são identificados, como por exemplo os apoios financeiros por parte do estado que principalmente para o ensino superior são essenciais, pois permitem que qualquer estudante, independentemente da sua condição económica, poderá frequentar um curso superior. Estes apoios também existem enquanto os estudantes estão nos outros anos de ensino,

"Sem dúvida porque o facto de saberem inglês e ser uma língua universal que se fala em todo o lado é uma mais-valia para o futuro deles (...)" (P1)

"Os apoios financeiros para a sua escolaridade, principalmente para universidade acabam por lhes criar oportunidades e um futuro diferente." (P2)

Outros progenitores salientam que não existem assim tantas diferenças, e que o ensino português é bom e bem reconhecido em Inglaterra,

"Não... eu acho que o que difere entre os dois é mais o mercado de trabalho, mas a escolaridade em si não. Aqui dão-te a oportunidade de trabalhar com ou sem experiência... e acho que é o que mais difere para Portugal é isso." (P5)

"(...) Mas, se calhar tem mais a ver com o mercado de trabalho que cá é maior do que em Portugal... não tanto a escolaridade porque os cursos em Portugal têm muito bom reconhecimento." (P7)

3. A escola inglesa e os descendentes

3.1. Relação dos descendentes com a escola inglesa

A relação dos descendentes com a escola foi dos primeiros tópicos abordados nas entrevistas aos descendentes. Tal como foi mencionado no ponto 1 deste capítulo, dois dos cinco descendentes nasceram em Portugal e só depois de frequentarem a escola em Portugal é que se mudaram para Inglaterra. Assim, foi importante perceber as suas recordações sobre esse momento de mudança, de forma a perceber como se integraram num novo sistema de ensino. Manzoni e Rolfe (2019), no seu

estudo abordam várias perspectivas que os alunos migrantes podem vivenciar na sua experiência escolas sendo elas por exemplo, (...)”as dificuldades por não pouco ou nenhum conhecimento de inglês na sua chegada, a ajuda e simpatia dos professores quando chegam à escola e até depois, a importância das amizades com os outros alunos e a importância de poder falar e ler na sua língua de origem, mas também em inglês” (idem: p.55).

Os descendentes (D1) e (D2) questionados sobre a sua experiência escolar ainda em Portugal, apesar de terem saído de Portugal e do seu sistema de ensino muito cedo, ambos lembram a sua passagem como positiva. A descendente (D1), completou o 1º ano e metade do 2º ano antes de ter migrado para Inglaterra, e questionada sobre se achava diferenças entre ambos os sistemas de ensino a descendente revela que sim, que sentiu algumas diferenças, principalmente no tipo de crianças que tinha na sua turma ou escola, de várias etnias e religiões, algo que recorda ser muito diferente da sua escola em Portugal. E recorda igualmente o esforço feito por parte da escola, em que apesar de a descendente não ter qualquer conhecimento de inglês, foram arranjando formas de comunicar.

Já no caso do descendente (D2), este era ainda mais novo e apenas frequentou metade do 1º ano no sistema de ensino português, e por isso as suas recordações da escola em Portugal são quase inexistentes. Em ambos os casos, quando ingressaram na escola inglesa avançaram os dois um ano escolar, ou seja, a D1 passou a frequentar o 3º ano em Inglaterra, e o D2 passou a frequentar o 2º ano. Esta situação acaba muitas vezes por acontecer sem que os progenitores tenham o conhecimento da razão, pois tal como Manzoni e Rolfe (2019) explicam, o sistema inglês tem regras diferentes de muitos outros países na europa, como por exemplo ser normal que as crianças migrantes (e até não migrantes) avancem sempre nos anos escolares e poucos são os casos em que ficam retidos ou que é normal avancem um ano à frente do seu (p. 21), o caso destes descendentes entrevistados.

Sobre a experiência no sistema escolar português,

“Acho que que correu bem... só que lá tínhamos muitos trabalhos de casa e tínhamos aulas no dia seguinte e eu acho que isso era muito para uma criança que acabou de entrar no 1º ano. Mas, eu gostei ... fazer novos amigos, eu gostei.” (D1)

“Bem... era só desenhar... foi normal” (D2)

Já sobre a sua experiência nos primeiros tempos na escola inglesa,

“Senti que as pessoas aqui... a escola aqui é muito diferente. Cá é muito mais cultural que em Portugal... aqui tens muito mais culturas, diversidade diferentes... da Índia sobretudo..., mas os meninos eram muito bons, apesar de eu não falar nada de inglês conseguimos sobrepor essas barreiras... tipo eu não falava, mas, elas tentavam incluir-me nos jogos e assim, eu gostei. (...)” (D1)

Estes foram os únicos descendentes que partilharam informação sobre a sua passagem pelo ensino português. No caso dos restantes entrevistados, foi diferente pois os restantes entrevistados

não tiveram qualquer experiência no sistema escolar português. Na realização das entrevistas procurou perceber-se a relação dos descendentes com a escola. Foram questionados sobre a sua relação com os professores, com os seus colegas, restantes pessoas da escola, como eram as suas notas, o que gostavam mais ou menos na escola e quais as disciplinas que gostavam mais ou menos. Apesar da diversidade de idades dos descendentes, existe algum consenso nas respostas sobre estas dimensões.

Sobre a questão dos professores constata-se que a maioria dos descendentes entrevistados (D2, D3, D4 e D5) gosta dos seus professores e têm uma boa relação com eles. No entanto, a descendente D1 relatou que numa das escolas que frequentou teve alguns problemas de compreensão por parte dos seus professores em relação a uma situação vivida na escola⁹. No entanto, quando mudou de escola, e agora na escola que frequenta, gosta de todos os seus professores e sente-se ouvida.

“E depois no 7º ano entrei na escola “X” em que eu não me dava muito bem com as pessoas de lá e os professores não eram ... não lidavam com os problemas que eu tinha nada bem e por isso não gostava nada deles e por isso comecei a agir um bocado mal na escola e as minhas notas desceram por isso... e depois mudei de escolar e nessa sim, gostava muito dos meus professores e ajudavam-me em tudo o que precisava e fiz novos amigos rapidamente (...)” (D1)

“Eu gosto muito deles! Porque elas são boas para mim (...)” (D4)

A maioria dos descendentes afirma gostar da escola que frequenta, seja porque gosta dos seus professores, das instalações, das aulas que têm ou do que aprendem nas aulas. No entanto o descendente (D2), afirma que não gosta muito da escola, mas que sabe que é algo importante e apesar de tudo gosta de estar com os seus colegas e amigos. Esta questão relaciona-se com outra, em que os descendentes foram questionados sobre se gostavam das aulas e enquanto a maioria afirma que sim, o descendente (D2) volta a reiterar que não gosta muito da escola, mas que sabe que tem de estudar, e tem algumas aulas que gosta sobretudo das de engenharia. De resto, questionados sobre as suas disciplinas favoritas estas variam entre as disciplinas relacionadas com as Artes, Química, Matemática, Inglês e Desporto.

“Sim, gosto das minhas aulas... eu gosto muito de aprender coisas novas e gosto das aulas que eu estudo porque elas vão me dar uma direção daquilo que quero seguir. (...) Gostar mais, gosto de Química pelos professores e pelo que aprendemos! Matemática, adoro matemática! (...)” (D1)

⁹ Esta situação não foi aprofundada na entrevista com a descendente por esta não se sentir muito confortável. No entanto, na entrevista da progenitora (P1), mãe da descendente (D1) foi explicado que existiu uma situação de bullying para com a descendente devido a esta ser filha de pais imigrantes, por parte de colegas da turma que levou à mudança de escola após uns meses.

“Nunca gostei muito da escola... eu sei que é preciso e eu vou tentar estudar por isso, mas nunca foi algo que gostei muito..., mas tem algumas aulas que eu gosto... (...) Mais pode ser engenharia e desporto...” (D2)

“Sim... gosto... porque eu gosto muito das minhas professoras. (...) Gosto de english... e artes.” (D3)

Sobre a sua relação com os seus colegas e amigos na escola, todos os descendentes afirmaram gostar dos seus colegas e terem um grupo de amigos sólido. Questionados sobre o porquê de pertencerem àquele grupo, as respostas variam entre o facto de ser uma forma de apoio durante o ano letivo, serem boas pessoas e simpáticas e por partilharem os mesmos interesses.

“Tenho, um grupo de amigas... desde o início do ano tenho esse grupo e gosto muito delas. Ajudamo-nos umas às outras... quando temos dúvidas e assim!” (D1)

“Sim, tenho umas amigas que gosto muito... porque são boas para mim” (D3)

“Sim, tenho um grupo de amigas que gosto mais de estar e brincamos muito juntas.” (D5)

3.1.1. O desempenho escolar dos descendentes

Os descendentes foram igualmente questionados sobre o seu desempenho escolar no sistema escolar inglês, sendo uma variável bastante importante no contexto das migrações pois existem estudos que afirmam que os filhos de pais migrantes tendem a obter um desempenho escolar mais baixo, em relação aos estudantes de pais não migrantes (OCDE, 2016). Poderão existir várias razões para este acontecimento, como as questões financeiras dos pais migrantes, mas também a composição da escola a nível social e étnico poderá ter influência (Seabra, Carvalho, Ávila, 2019), no entanto não foi essa a percepção após as entrevistas com os descendentes.

Assim, as respostas dos descendentes foram de forma unânime positivas, afirmando que têm um bom desempenho escolar. Em concreto, foram questionados como eram a suas notas e os descendentes D1 e D2, já em anos escolares mais avançados (11º ano e 12º ano) afirmam ter boas notas, especialmente a D1 apresenta resultados considerados excelentes no sistema escolar inglês. Já descendente D2 apresenta boas notas, mas não excelentes, mas afirma que não se importa que não sejam excelentes, mas que sabe que tem de se esforçar se quiser melhores qualificações.

“As minhas notas são boas!” (D1)

“(…) eu tenho amigos que nem revisão fazem e têm nozes a tudo e eu faço revisão e tenho quatro..., mas não faz mal para mim” (D2)¹⁰

Os restantes descendentes (D3, D4 E D5), por se encontrarem em anos escolares inferiores, entre o 3º e 4º ano, quando questionados sobre as suas notas, sabiam identificar que estavam a ter um bom percurso, mas não sabiam quantificar o seu desempenho. Os progenitores, em duas das entrevistas, explicaram que nos anos escolares que os seus filhos se encontram não existem notas quantitativas, mas sim um feedback no final de cada semestre sobre o progresso dos alunos na escola, ou seja, um feedback qualitativo. Isto poderá dever-se ao facto de nestes anos escolares, no caso dos descendentes entrevistados, não serem realizados testes, mas sim atividades que avaliam os alunos, segundo os progenitores dos entrevistados.

“São boas..., mas nós não temos notas mesmo..., mas estou a ir bem, especialmente em matemática e na leitura.” (D4)

Também os progenitores foram questionados sobre o desempenho e experiência escolar dos seus filhos na escola inglesa. A maioria dos progenitores afirma que a experiência tem sido bastante positiva para todos. No entanto, uma das progenitoras (P5) faz menção que no início a experiência escolar da sua filha foi um pouco conturbada devido a esta não ser fluente no inglês. Tinha alguma dificuldade a acompanhar a restante turma, mas após a mudança de professora (a sua atual) a sua experiência melhorou bastante e o seu desempenho tem sido muito bom. Mesmo no caso dos descendentes que tiveram experiência escolar em Portugal e agora frequentam a escola inglesa, o seu desempenho segundo a sua mãe (P1), tem sido positivo.

3.2. Os descendentes e a língua inglesa e portuguesa

De acordo com Welply (2019), a Inglaterra tem uma abordagem da questão linguística tida como uma abordagem monolinguística. Esta posição acaba por ser surpreendente, afirma o autor, devido ao facto de existir uma presença multicultural bastante forte nas escolas inglesas. No entanto, o autor faz também menção ao facto de que, no caso inglês, apesar de ser algo mínimo, nos últimos anos ter-se observado a criação de professores assistentes para apoiar as crianças bilíngues¹¹.

Neste contexto, os descendentes foram questionados sobre as suas práticas linguísticas, tanto em contexto escolar, como no contexto familiar. No contexto escolar, todos os descendentes afirmaram não falar em português, salvo algumas exceções em que usam a língua portuguesa quando algum amigo ou até mesmo professor quer aprender alguma palavra em português.

¹⁰ O sistema de classificações inglês encontra-se explicado no capítulo 1, no subponto O sistema escolar inglês, p. 10.

¹¹ “Bilinguismo ou Multilinguismo é o fenómeno de usar mais que uma língua. Apesar de alguns investigadores tratarem o bi/multilinguismo como na realidade a maioria do mundo é bi/multilingue” (Bernstein e Hamman-Ortiz, 2020, p.11) Revelando a importância da existência dos professores assistentes bilíngues.

“Eu falava antes... uma das minhas melhores amigas é brasileira e ela estava na minha escola antiga, mas mudou-se para o Brasil. Nós falávamos às vezes na escola... quando estávamos só as duas, se estivéssemos com mais gente falávamos em inglês para todos entenderem. Mas, agora não.” (D1)

“O meu amigo “L” ... nós andámos juntos na escola e falávamos ..., mas também se tiver com os outros meus amigos falo mais em inglês... para eles fazerem parte... e falo com todos em inglês.” (D2)

“Não, eu não falo em português na escola..., mas, às vezes ensino a minha professora a falar algumas palavras em português... “(D4)

“Às vezes... as pessoas pedem-me às vezes para falar em português e ensinar algumas palavras em português. “(D5)

Ainda no contexto escolar, contata-se que ao serem questionados sobre se têm ou já tiveram alguma ajuda para aprender algumas das línguas (inglês ou português), dois dos descendentes (D1 e D2) afirmaram ter tido uma professora que falava ambas as línguas, o português e o inglês, e que os ajudou a integrar e a perceber mais rapidamente a língua inglesa, visto não terem qualquer conhecimento da língua inglesa à entrada na escola. Os descendentes afirmam ter sido uma ajuda essencial para a rápida aprendizagem da língua. Ter amigos que já falavam o inglês, mas que eram portugueses, também se revelou uma grande ajuda. Esta ajuda de um professor com conhecimento ou passado migrante do país de origem dos descendentes, tal como Janta e Harte (2016) afirmam, poderá ser benéfico tanto para os professores como para os alunos descendentes, a sua presença na sala de aula destes professores podendo vir a reduzir a diferença entre os alunos migrantes e não migrantes.

“Na primária... por acaso a minha primária foi muito inclusiva nisso, e eles tinham uma professora que falava português e inglês e como eu não falava inglês eu invés de estar na sala com todos, ia com ela para uma sala e ela ajudava-me com o inglês.” (D1)

“E eles [(na escola)] tinham uma professora que falava português e ela me ajudou muito nisso. Eu era muito “shy” ..., mas esse meu amigo português me ajudou muito a integrar.” (D2)

Por fim, sobre qual das línguas acharam mais difícil ou mais fácil de aprender, a maioria dos descendentes (D2, D3, D4 e D5) acharam o inglês mais fácil de aprender do que o português,

“Inglês foi muito fácil... em dois... três meses já sabia falar.” (D2)

“Para mim é mais difícil aprender o português... mais fácil o inglês.” (D3)

“O inglês é mais fácil porque tenho aulas na escola...” (D5)

Já a descendente (D1) diz não ter sentido diferença na aprendizagem das duas línguas.

“Eu não senti diferença entre as duas... como aprendi muito nova, por isso não consigo dizer se uma é mais difícil de aprender que outra.” (D1)

Já no contexto familiar, as respostas mudam um pouco pois a língua portuguesa é mais usada em contexto familiar. O uso do português é dominante apesar de, por vezes, a língua inglesa também ser utilizada. Na maioria dos casos, os descendentes preferem mesmo usar a língua portuguesa à língua inglesa, mas dois dos descendentes (D2 e D4) preferem usar a língua inglesa como primeira língua por ser a que se sentem mais à vontade. As seguintes declarações dizem respeito ao uso da língua em casa:

“Português, sempre. Os nossos pais sempre falaram e foi algo que sempre nos habituámos.”
(D1)

“Com a minha irmã é o inglês e o português..., mas com o meu pai e a minha mãe é só o português!” (D2)

“English” e “Portuguese” ..., mas muito pouco de português...” (D4)

Questionados sobre o uso da internet, televisão, ler ou até ouvir música, os descendentes afirmam que usam mais o inglês neste tipo de situações descritas, do que o português, salvo em algumas situações em que estejam inseridos numa situação que o português seja predominante.

“Acho... quer dizer cá em casa a televisão é sempre em português..., mas se fores para a Netflix é em inglês... ler... acho que em inglês.” (D1)

“Eu leio muito... normalmente em inglês, eu gosto mais ... até porque a tradução às vezes para português não faz muito sentido... eu percebo nas duas, mas gosto mais em inglês. A ver televisão também em inglês... eu meto as “subtittles” em inglês e a língua em inglês. E na internet também pesquiso em inglês... eu não consigo escrever em português...” (D2)

“Inglês! Mas às vezes vejo alguns desenhos animados portugueses...” (D3)

Por fim, sobre o seu contacto com a família em Portugal, os descendentes dizem falar regularmente e em português. Mesmo no caso em que o entrevistado não tem tanto à vontade para falar o português, encontraram-se formas de comunicar, usando por exemplo um tradutor online, o caso do D4.

“Bem... nunca tive nenhuma dificuldade em falar o português e como falo muito regularmente com as minhas avós, mas funciona bem.” (D1)

“Quando falo com a avó e o avô falo em português..., mas é difícil. Eu uso o “google translator” para falarmos!” (D4)

“Falo em português e gosto muito de falar em português com a minha família.” (D5)

4. Os apoios à integração escolar

No contexto do presente trabalho é importante perceber quais os apoios que as escolas em Inglaterra, oferecem para integrar os seus estudantes com um passado migrante. Como Janta e Harte (2016) afirmam, é importante que sejam as escolas a chegarem até aos pais e promoverem uma boa relação com eles e oferecer suporte, com o objetivo de promover a capacidade de os pais apoiarem os seus

filhos. Este apoio pode ser promovido de várias formas, tais como “(...) a criação de reuniões com os professores, visitas a casa ou em outro tipo de eventos (...)” (p.29).

Com o objetivo de perceber se existia algum tipo de apoios à integração seja dos descendentes ou dos progenitores na escola, ambos foram questionados sobre a sua existência e o seu impacto na vida escolar dos descendentes a maioria dos progenitores responderam não saberem se existia tal apoio. Tirando algumas exceções, como por exemplo apoios para alunos com necessidades especiais ou então para alunos chegados de países em guerra (o exemplo de uma menina da Ucrânia), ou o caso da progenitora (P1) que teve os seus dois filhos (D1 e D2) com uma professora assistente que os ajudou no primeiro ano de escola em Inglaterra.

“Pode existir..., mas não tenho conhecimento. Mas, acredito que fosse preciso eles teriam esse apoio. Mas, eles só tiveram no primeiro ano.” (P1)

“Eu acho que existe um programa nesse sentido... ela na turma dela tem uma menina que veio da Ucrânia e não sei se foi porque ela veio da Ucrânia e a minha filha já nasceu cá e não foi preciso..., mas sei que essa menina recebe um apoio extra da escola para melhor se integrar...” (P5)

E questionados se escola poderia fazer algo diferente ou se acham suficiente o que a escola faz, a maioria dos progenitores afirma achar suficiente o que é feito atualmente, no entanto a progenitoras (P4 e P6) acham que seria benéfico existir outros tipos de apoio a crianças com origem portuguesa.

“Não... acho que o que têm é o suficiente.” (P2)

“Acho que seria benéfico ter esses tipos de apoios... eles aqui têm muito desses tipos de programas, mas não tanto para o português, mas sim por exemplo apoio aos nepaleses e chineses e tem escolas específicas que falam apenas nepalês ou só chinês e essas crianças nasceram já cá..., mas acho que existe mais apoio para essas comunidades e acho que seria importante existir mais apoios para o português (...)” (P4)

“Eu acho suficiente. Porque eles em crianças apanham muito mais facilmente e o tempo na escola é suficiente.” (P5)

“Sim, eu acho que sim. Para tornar a adaptação mais fácil para as crianças... sim acho que seria algo bom. Principalmente para aquele que vieram de Portugal e não nasceram cá... acho que é importante” (P6)

Do ponto de vista dos descendentes, apenas os mais velhos (D1 e D2) souberam responder, sendo que os restantes (D3, D4 e D5) não tinham qualquer conhecimento neste sentido. No entanto, os dois descendentes afirmaram não ter tido mais nenhum apoio à integração sem ser o da professora assistente que tiveram no primeiro ano na escola inglesa.

Sobre a existência de apoios à integração para os progenitores, todos os progenitores afirmaram não terem conhecimento desses apoios, e que a sua integração no sistema escolar inglês foi feita por eles mesmos com a experiência dos anos e com alguma ajuda de amigos.

“Não... essa integração foi feita com o tempo e connosco a aprender com o passar dos anos. Nas escolas, eles não tinham ainda desse tipo de apoios para as escolas...” (P1)

“Não, nunca ouvi falar de nada. Mas, sim sei que podemos contar com a escola para o que precisarmos.” (P2)

Sobre o seu envolvimento na vida escolar dos filhos, se participavam de alguma forma, de forma geral os progenitores entrevistados afirmam apenas estar envolvidos em certos eventos que a escola organiza com festas de Natal ou de final de ano. Duas das progenitoras afirmaram que a escola convida os pais para ajudar quando fazem visitas de estudo, mas que ambas não participam.

Algo comum a alguns dos progenitores é um evento que as escolas fazem: o dia do desporto. Neste, os pais são convidados a ir e fazer um convívio com comida no parque enquanto os filhos participam nas atividades desportivas. Apenas uma das progenitoras (P4) afirma que a escola da sua filha incentiva que os pais participem em atividades da escola, na realização de trabalhos didáticos e que fazem bastantes atividades para juntar os pais e as crianças na escola, como por exemplo uma atividade de demonstração das culturas de que os alunos na turma são provenientes de forma a partilharem um pouco da sua cultura. Isto vai de acordo com o que Welply (2019) afirma, que em “(...) Inglaterra a inclusão é promovida através do reconhecimento e da celebração de eventos étnicos, linguísticos ou religiosos através de uma abordagem pedagógica que promove a diversidade” (p.4).

“O participar... eles têm o dia do desporto e os pais podem ir e participar e fazem um lanche e é um convívio. Mas, é isso.” (P1)

“Eles têm o dia do desporto em que convidam as famílias para passar o dia com os filhos e ao mesmo tempo têm atividades de desporto durante o dia.” (P3)

“(...) eles tentam uma vez por termo realizar um evento em que os pais são chamados a estar... nem que seja um piquenique, ou uma demonstração, uma criação que eles fizerem e existe uma partilha entre os pais e os miúdos e acompanhamos a evolução deles. E por exemplo, daqui a umas semanas vai haver um almoço da cultura e eles podem ir vestidos com trajes das suas terras de origem e a levar uma comida típica e para haver a partilha das culturas!” (P4)

“As únicas vezes que vou à escola é para os feedbacks de meio dos termos... de resto só mesmo no final do ano com a festa e assim. Tirando isso não tem muita coisa... (...)” (P5)

“Sim, eles chamam sempre os pais para irem à escola em certos dias didáticos... de desporto por exemplo. Ou então para as visitas de estudo que pedem aos pais se puderem para ajudar... e as festas de final de termo... têm sempre algo para os pais participarem.” (P7)

CAPÍTULO 5

Conclusões

As migrações e a educação são áreas de investigação bastante abordadas e exploradas, no entanto a sua conjugação em estudos é escassa nos dias de hoje e foi com o propósito de perceber os desafios da integração escolar em contextos migrantes que esta investigação teve lugar. Dessa forma, a presente investigação partiu da questão de quais os desafios e os apoios na integração escolar dos descendentes de imigrantes portugueses no sistema de ensino inglês, a partir da perspetiva de famílias e seus descendentes. Neste âmbito procedeu-se à realização de entrevistas a famílias migrantes em Inglaterra, todas com descendentes a frequentar a escola inglesa. No total foram entrevistados sete progenitores e cinco descendentes, todos eles a viver em Surrey, Inglaterra.

De acordo com as respostas dos entrevistados, foi possível concluir em primeiro lugar que, no que respeita ao perfil das famílias portuguesas entrevistadas neste estudo, de forma geral a motivação para a imigração se deveu a questões financeiras e falta de oportunidades em Portugal. Na maioria dos casos, os progenitores não tinham qualquer conhecimento da língua inglesa ou muito pouco, tendo sido reconhecido como um dos principais desafios encontrados à sua chegada a Inglaterra, mas que em todos os casos foi um desafio ultrapassado. Sobre a sua experiência migratória no geral, todos concordam que é e continua a ser uma experiência desafiante e que tem os suas vantagens e desvantagens, sendo que a desvantagem mais mencionada está relacionada com a saudade das suas famílias em Portugal e do país em si. No entanto, as vantagens de uma vida estável financeiramente e a constituição de família e a boa integração dos filhos no país levam a pensar que será pouco provável, de forma geral, que voltem para Portugal. Por fim, sobre a sua ligação com a comunidade portuguesa, apesar de existirem boas relações em todos os casos com outros imigrantes portugueses, os progenitores entrevistados não consideram essa ligação como algo imperativo na sua integração e vivência em Inglaterra.

Em segundo lugar, sobre a sua participação na vida escolar e sua relação com a escola inglesa, é possível concluir a partir da análise realizada que todos os progenitores têm uma boa relação com a escola que os seus filhos frequentam. De forma geral, os progenitores descreveram um sistema escolar que está disponível e aberto para ajudar e acompanhar os seus filhos, academicamente. Apesar, segundo os progenitores entrevistados neste estudo, de não existirem apoios específicos (como grupos de apoio ou atividades para a integração no sistema escolar inglês), estes progenitores sentem-se apoiados pelas escolas tendo um contacto bastante regular com estas, sentindo que o que as escolas oferecem é suficiente. No entanto, alguns dos progenitores reconhecem que poderia existir um maior apoio das escolas para a integração no sistema escolar, podendo ser vantajoso para os migrantes e os

seus descendentes que cheguem agora a Inglaterra. A sua participação na vida escolar dos seus filhos resume-se muito à participação em atividades criadas pelas escolas, não existindo segundo os entrevistados atividades criadas específicas para os progenitores participarem. É possível concluir que a questão da participação na vida escolar, no caso o não muito envolvimento presencial na vida escolar, não é um fator que condicione a boa relação e a boa percepção sobre as escolas que os seus filhos frequentam, por parte dos progenitores entrevistados. É possível afirmar que os progenitores sentem diferenças entre os dois tipos de sistemas, o inglês e o português, dando um ênfase mais positivo ao sistema inglês, afirmando que as crianças adquirem conhecimentos mais rápido, achando a maioria ser isso positivo para o desenvolvimento dos seus filhos.

Já do ponto de vista dos descendentes, é possível concluir que, no caso dos dois descendentes que frequentaram a escola portuguesa e que frequentam agora o sistema inglês, existem algumas diferenças entre os dois sistemas escolares. No entanto, ambos eram muito novos no momento da imigração e por isso não têm uma opinião muito vincada sobre tal. Mas, umas das diferenças levantadas foram os trabalhos de casa, que em Portugal diziam ser muitos e no caso da escola inglesa são raros ou inexistentes, questão também levantada pelos progenitores nas suas entrevistas. De resto, os descendentes de forma geral gostam das escolas que frequentam e têm boas relações tanto com os seus colegas, tendo grupos de amigos definidos, como com o staff docente e não docente. Sobre o seu desempenho escolar, é possível concluir que os descendentes têm bons resultados e que gostam da escola e de aprender. Sobre a sua integração no sistema escolar inglês é possível concluir que não existem atividades ou momentos específicos para a integração de descendentes, salvo o caso dos descendentes entrevistados que não nasceram em Inglaterra e frequentaram a escola portuguesa antes da escola inglesa, em que nos seus primeiros meses na escola inglesa tiveram a ajuda de uma professora que falava português e que os ajudava a integrar melhor na sala de aula. No entanto, mais nenhum descendente ou progenitor identificou outro tipo de apoio existente nas escolas que os filhos frequentam.

Ainda em contexto escolar, é possível concluir que a língua inglesa não é atualmente uma barreira para quase todos os descendentes entrevistados, sendo até a língua que a maioria dos descendentes prefere usar em contexto académico. Mesmo no caso dos descendentes que migraram com os pais, o domínio do inglês, passado poucos meses, passou a ser fluente. Algo também denotado nas entrevistas com os descendentes foi o facto de estes se identificarem muito com a cultura portuguesa e que apesar de a maioria não ter vivido em Portugal estes afirmam gostar de falar a língua portuguesa (mesmo que seja difícil por vezes) e sentem-se portugueses.

Em suma, é possível afirmar através das entrevistas aos descendentes e aos progenitores que a sua integração escolar e social no sistema escolar inglês se tem feito de forma muito positiva, mesmo nas situações em que possam existir alguns desafios como no caso da descendente que sofreu de bullying ou a descendente com problemas com a língua inglesa. Esses mesmos desafios foram ultrapassados e as escolas deram respostas rápidas e satisfatórias para os progenitores. Sobre a experiência migratória que todos os progenitores entrevistados expuseram, é possível sim denotar que existiram momentos mais complicados e desafiantes para todos, no entanto, conclui-se através das suas experiências que os progenitores se sentem integrados na sociedade inglesa. Apesar dos desafios e das diferenças culturais sentidas, não se arrependem de ter imigrado para Inglaterra e afirmando que facto dos seus filhos estarem a frequentar o ensino inglês lhes poderá trazer vantagens no seu futuro seja porque serão fluentes na língua inglesa e nos dias de hoje ser algo que consideram importante, como porque acham o mercado laboral inglês melhor em comparação com a língua portuguesa.

No entanto, é preciso salientar algumas questões em relação a estas considerações. Como foi possível perceber pelo capítulo da revisão da literatura (capítulo um) com base em estudos realizados no mesmo contexto, imigrantes e os seus descendentes a viver em Inglaterra, é possível constatar que existem várias questões levantadas sobre a experiência migratória em Inglaterra e de integração no ensino inglês. Estas mesmas questões foram tidas em conta para elaboração dos guiões de entrevistas tanto para os descendentes, como para os progenitores. Assim, após a realização das entrevistas e análise dos resultados obtidos (presente no capítulo três) é possível denotar alguma tendência para respostas de carácter mais positivo do que negativo em ambas as entrevistas sobre a integração tanto na sociedade como no contexto escolar, mais salientado nas entrevistas dos progenitores que de forma geral, foram as entrevistas mais ricas em que mais informação foi retirada. Desta forma, como investigadora tentei perceber ao rever e analisando as transcrições das entrevistas e recordando-me do momento da própria entrevista, através das minhas notas, se poderia de alguma forma ter limitado ou condicionado as respostas dos progenitores? Se pela minha posição de investigadora de fora e sem envolvimento na comunidade migrante possa ter conduzido a que os entrevistados tenham sentido necessidade de demonstrar um lado mais positivo da experiência migratória e integração no sistema escolar inglês? Mas, também coloquei em hipótese o facto de grande parte dos estudos realizados nesta realidade não se focarem na comunidade portuguesa migrante, mas sim sobre outras comunidades e grupos étnicos que têm mais representatividade na sociedade inglesa.

É possível encontrar estudos sobre a comunidade portuguesa em Inglaterra, mas são estudos muitos com mais de vinte anos ou estudos que não se focam nesta temática da integração escolar, e que apesar de ainda poderem representar uma parte da realidade vivida nos dias de hoje, será que corresponde ainda à realidade destes imigrantes mais recentes? De alguma forma consegue-se

perceber que o fator tempo é bastante importante nesta investigação. Os progenitores imigrantes entrevistados estão bem integrados na sociedade inglesa e por isso, as suas dificuldades apesar de ainda serem recordadas não são tão sentidas, por já terem ocorrido há alguns anos. Os progenitores entrevistados estão entre os trinta e dois anos e os oito anos imigrados, não sendo imigrantes recentes. Assim, é necessário ter em conta que não foram entrevistados progenitores imigrantes recentes, há três ou menos anos imigrados, podendo surgir a questão de quais são os desafios encontrados por estes imigrantes mais recentes? Existem mais desafios? São diferentes dos de gerações anteriores? Com os dados e as conclusões deste estudo, é possível perceber que existiram dificuldades sentidas por todos os progenitores e até mesmo por alguns descendentes, mas ao constatar a sua atual realidade de migrantes bem estabelecidos e integrados na sociedade e ensino inglês esses mesmo desafios deixaram com o tempo de ser sentidos pelas famílias e pelos descendentes.

Em suma, é possível concluir a partir do objetivo geral desta investigação, de perceber os apoios e os desafios existentes na integração no sistema escolar inglês, pelas perspetivas dos descendentes e dos progenitores, que apesar de terem existido desafios estes não são predominantes atualmente, não influenciando a sua atual experiência no sistema escolar inglês. O mesmo poderá ser dito em relação aos apoios existentes à integração, sendo estes não predominantes de acordo com as experiências dos entrevistados, mas em simultâneo não é sentida uma falta de apoio por parte dos descendentes e suas famílias, por parte das escolas.

Espero assim que esta investigação possa de alguma forma contribuir para um melhor entendimento da realidade das famílias imigrantes em Inglaterra e das suas experiências na integração escolar dos descendentes e das suas famílias. Ainda são muitas as temáticas que podem vir a ser investigadas futuramente, como por exemplo estudos sobre as diferenças entre os currículos e programas ingleses em comparação com os programas e currículos portugueses ou estudos sobre o desempenho escolar de descendentes migrantes portugueses nos dias de hoje, de forma a perceber as diferenças para com outras gerações de descendentes de migrantes.

Referências Bibliográficas

- Anderson, B. & Blinder, S. (2019). "Who Counts as a Migrant? Definitions and their Consequences" Migration Observatory briefing, COMPAS, University of Oxford, UK.
- Adams, L.D. and Kirova, A. (2006). *Global Migration and Education: Schools, Children and Families*. New Jersey and London, Lawrence Erlbaum Associates.
- Becker, H. S. (2014). A epistemologia da pesquisa qualitativa. *Revista de Estudos Empíricos em Direito*, 1(2).
- Bernstein, K. A., & Hamman-Ortiz, L. (2019). Bilingualism and multilingualism. *The Routledge handbook of translation and education*, Taylor and Francis, 11-28.
- Bryceson, D. F. and Vuorela, U. (eds) (2002). *The Transnational Family: New European Frontiers and Global Networks*, New York: Berg.
- Castles, S., Miller, M. J., & Ammendola, G. (2005). *The Age of Migration: International Population Movements in the Modern World: New York*, The Guilford Press.
- Clark, C. Dyson, A. Millward, A. and Robson, S. (1999) 'Theories of Inclusion, Theories of Schools: deconstructing and reconstructing the inclusive school', in *British Educational Research Journal* 25(2):157-177.
- de Abreu, G., Silva, T., & Lambert, H. (2003). From crying to controlling how Portuguese girls adapted to their secondary school in England. *The Education of Portuguese Children in Britain: Insights from Research and Practice in England and Overseas*. Luton: University of Luton, 75-94.
- Demie, F. (2019). Educational attainment of East European pupils in primary schools in England. *London review of education*, 17(2), 159-177.
- Demie, F., & Lewis, K. (2010). Raising the achievement of Portuguese pupils in British schools: a case study of good practice. *Educational Studies*, 36(1), 95-109.
- Eisenstadt, S.N. (1954). *The Absorption of Immigrants: a Comparative Study Based Mainly on Jewish Community in Palestine and the State of Israel*, Londres, Routledge.
- Evans, M., & Liu, Y. (2018). *The unfamiliar and the indeterminate: Language, identity and social integration in the school experience of newly arrived migrant children in England*. *Journal of Language, Identity & Education*, 17(3), 152-167.
- Fernández-Reino, M. (2022). Children of migrants in the UK. *Migration Observatory briefing, COMPAS, University of Oxford*.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. Editora Atlas SA.

- Gov.UK. (2016, May). *Education System in the UK*.
https://assets.publishing.service.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/219167/v01-2012ukes.pdf
- Janta, B., and E. Harte. (2016). *Education of Migrant Children: Education Policy Responses for the Inclusion of Migrant Children in Europe*. Cambridge, UK: Rand Europe.
- Lee, E. S. (1966). A theory of migration. *Demography*, 3, 47-57.
- Machado, F. L., & Matias, A. R. (2006). *Jovens descendentes de imigrantes nas sociedades de acolhimento: linhas de identificação sociológica*.
- Manzoni, C., & Rolfe, H. (2019). *How schools are integrating new migrant pupils and their families*. National institute of economic and social research.
- Menjívar, C., Abrego, L. J., & Schmalzbauer, L. C. (2016). *Immigrant families*. John Wiley & Sons.
- Nolasco, C. (2016). Migrações internacionais: conceitos, tipologia e teorias. *Oficina do CES*, 434, 1-29.
- OECD (2016). PISA 2015 Results (Volume I): Excellence and Equity in Education, PISA, OECD Publishing, Paris. <http://dx.doi.org/10.1787/9789264266490-en>
- Office for National Statistics. (2021, September). *Population by Country of birth and nationality*. Office for National Statistics.
- Pires, R. P. (2003). *Dinâmicas Migratórias e Processo de Integração em Migrações e integração*. Oeiras: Celta Editora, 57-65.
- Portes, A. (1993). *The longest migration*. *New Republic*, 208(17), 38-41.
- Reynolds, G. (2008) *The Impact and Experiences of Migrant Children in UK Secondary Schools*. Working Paper No. 47. Sussex Centre for Migration Research, University of Sussex.
- Seabra, T., Carvalho, H. & Ávila, P. (2019). *The effect of school's ethnic composition on Mathematics results of students with immigrant origin in primary school*. Portuguese Journal of Social Science. 18 (1), 9-26.
- Stephen Castles, Mark J. Miller & Giuseppe Ammendola (2005) *The Age of Migration: International Population Movements in the Modern World*, 27:6, 537-542, DOI: 10.1080/10803920500434037.
- Sumption, M. & Walsh, P. W. (2022) *EU migration to and from the UK*. Migration Observatory briefing, COMPAS, University of Oxford.
- Taylor, T. L., Boellstorff, T., Nardi, B., & Pearce, C. (2013). *Ethnography and virtual worlds: A handbook of method*. Princeton University Press.

The Education Hub. (2021, August). *How does the 9-1 GCSE grading system work?*. Department for Education, Gov.Uk.

Weiss, R. S. (1994). The art and method of qualitative interview studies. *Learning from Strangers*. The Three Press, New York.

Welply, O. (2019). Diversity and inclusion in the classroom: young immigrants' perspectives in France and England. *The SAGE Handbook of Inclusion and Diversity in Education*, 365-379.

ANEXOS

Anexo A – Consentimento Informado referente aos descendentes



CONSENTIMENTO INFORMADO

A presente investigação surge no âmbito de uma Dissertação para obtenção de grau de mestre no Mestrado em Educação e Sociedade, a decorrer no ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. Este estudo foca-se na integração escolar de descendentes de imigrantes portugueses em Inglaterra, procurando perceber quais os desafios e apoios na integração escolar dos descendentes de imigrantes portugueses no sistema de ensino inglês, a partir da perspetiva de famílias e seus descendentes.

O estudo é realizado pela discente Maria Inês Santos e coordenado pela Professora Doutora Sandra Mateus, Professora Auxiliar do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. Caso surja alguma dúvida ou questão, ou deseje partilhar algum comentário, poderá entrar em contacto através do seguinte endereço eletrónico: mivvss@iscte-iul.pt.

A sua participação, que será muito valorizada, consiste em responder a um conjunto de perguntas sobre as experiências migratórias e desafios e apoios na integração escolar em Inglaterra, o que poderá durar cerca de 30-40 minutos. Informa-se que as respostas irão ser gravadas em formato de áudio para realizar uma transcrição e uma análise mais completa. A participação neste estudo poderá implicar alguns riscos, devido à possibilidade de se abordar tópicos sensíveis devido às experiências vivenciadas, pretendendo-se gerir as emoções associadas às perguntas. Esta investigação encontra-se sob o abrigo do Código de Conduta do ISCTE. O ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa não irá divulgar ou partilhar os dados pessoais recolhidos.

A participação neste estudo é estritamente **voluntária**: pode escolher participar ou não participar, podendo interromper a participação em qualquer momento sem a necessidade de justificação. Os dados recolhidos são exclusivamente para questões académicas, sendo preservados até ao final da transcrição das entrevistas, ao que posteriormente todas as informações serão destruídas, garantindo-se assim o **anonimato** e **confidencialidade**. Face a estas informações, por favor indique se aceita participar no estudo:

ACEITO NÃO ACEITO

Nome: _____

Data: _____

Assinatura:

(Se não for o próprio a assinar devido a idade ou incapacidade Cfr. Artigos 7º - “Participantes menores”, de acordo com a Lei nº 21/2014 de 16 de abril; Artigo 14º do RGPD) Nota: Se o menor tiver capacidade de compreensão, deve igualmente assinar o documento, demonstrando o seu consentimento.)

Anexo B – Consentimento Informada referente aos progenitores



CONSENTIMENTO INFORMADO

A presente investigação surge no âmbito de uma Dissertação para obtenção de grau de mestre no Mestrado em Educação e Sociedade, a decorrer no ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. Este estudo foca-se na integração escolar de descendentes de imigrantes portugueses em Inglaterra, procurando perceber quais os desafios e apoios na integração escolar dos descendentes de imigrantes portugueses no sistema de ensino inglês, a partir da perspectiva de famílias e seus descendentes.

O estudo é realizado pela discente Maria Inês Santos e coordenado pela Professora Doutora Sandra Mateus, Professora Auxiliar do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. Caso surja alguma dúvida ou questão, ou deseje partilhar algum comentário, poderá entrar em contacto através do seguinte endereço eletrónico: mivvss@iscte-iul.pt.

A sua participação, que será muito valorizada, consiste em responder a um conjunto de perguntas sobre as experiências migratórias e desafios e apoios na integração escolar em Inglaterra, o que poderá durar cerca de 30-40 minutos. Informa-se que as respostas irão ser gravadas em formato de áudio para realizar uma transcrição e uma análise mais completa. Não existem riscos significativos expectáveis associados à participação no estudo. Esta investigação encontra-se sob o abrigo do Código de Conduta do ISCTE. O ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa não irá divulgar ou partilhar os dados pessoais recolhidos.

A participação neste estudo é estritamente **voluntária**: pode escolher participar ou não participar, podendo interromper a participação em qualquer momento sem a necessidade de justificação. Os dados recolhidos são exclusivamente para questões académicas, sendo preservados até ao final da transcrição das entrevistas, ao que posteriormente todas as informações serão destruídas, garantindo-se assim o **anonimato** e **confidencialidade**. Face a estas informações, por favor indique se aceita participar no estudo:

ACEITO NÃO ACEITO

Nome: _____

Data: _____

Assinatura:

1. Relação descendente e a escola

- Em que ano escolar estás atualmente?
- Frequentaste a escola em Portugal?
 - Quantos anos? *
 - Como correu? *
 - Em que ano entraste pela primeira vez numa escola inglesa? *
 - Existem diferenças entre as escolas portuguesas e inglesas? Quais? *
- Como é a relação com os teus professores?
- Que outras pessoas existem na escola? O que fazem? Como é a tua relação com elas?
- Gostas da escola que frequentas? Porquê?
- Falas português com alguém? Quem? Em que circunstâncias?
- Gostas das aulas na tua escola? (alguma aula em específico, professor ...)
- O que gostas mais e menos? Porquê?
- Como são as tuas notas? Porquê?
- Qual/Quais a/s disciplina/s gostas mais e menos?
- E com os teus colegas? Qual a tua relação com eles?
- Tens algum grupo com que estejas mais na escola? Porquê?
- Na tua escola tens ou tiveste atividades de apoio como explicações ou outras? Quais?
Como correram?
- Essas atividades ajudam/ajudaram? Em quê?
- O que é mais fácil e mais difícil na escola? Porquê?

2. Relação descendente com a língua

- Que língua falas em casa?
- Há alguma situação em que fales só em inglês ou só em português? Com quem e porquê?
- Qual preferes usar? Porquê?
- Na escola tens alguma oportunidade para falar português? Qual e com quem?
- Qual das línguas é mais fácil ou difícil de aprender? (inglês ou português)
- Tens alguém (na escola ou fora) que te ajude a aprender uma ou as duas línguas?
- Quando usas a internet, vês televisão ou lês em que língua é? Porquê?

- Comunicas com a tua família em Portugal?

3. Perfil social

- Nome
- Idade
- Nacionalidade
- Naturalidade

**Questões a serem colocadas caso a resposta à questão “Frequentaste a escola em Portugal?”, for positiva.*

Guião de Entrevista SemiEstruturada a Progenitores

1. Condição Migrante

- Há quanto tempo está em Inglaterra?
- Quais os motivos que o/a levaram a imigrar para Inglaterra?
- Teve algum apoio no processo de mudança?
- Sentiu dificuldades à sua chegada? Se sim, de que tipo?
- Veio sozinho/a?
 - Caso sim, quando é que a sua restante família se juntou? *
- Existiu algum processo de preparação para o momento da mudança? (sua ou da sua família)
- Qual o balanço que faz da sua estadia?
(Problemas, sucessos, sentimentos predominantes)
- Existe relações com outros portugueses?

2. Relação Família e a Escola

- O/s seu/s filho/s ingressaram em que ano escolar no sistema escolar inglês?
- Como se procedeu a escolha da escola que o/s seu/s filho/s frequenta/frequentam?
Teve alguma ajuda neste processo? (oficial ou da comunidade)
- Sente ou já sentiu algum tipo de dificuldades em comunicar com a escola que o/s seu/s filho/s frequenta/frequentam?
- Com que frequência contacta com a escola do/s seu/s filho/s?
- Existem mais alunos descendentes de portugueses na escola que o/s seu/s filho/s frequenta/frequentam?
- Tem conhecimento se existe no corpo docente e não docente (professores, diretores, outro staff) portugueses ou pessoas com passado migrante ou étnico?
- Conversa com o/s seu/s filho/s sobre a sua escola?
- Como tem corrido a escola (geral)?
(Problemas de aproveitamento: transição com negativas, reprovações; problemas de comportamento: indisciplina; problemas de relacionamento com colegas; problemas de relacionamento com professores: exemplos e tentativas de resolução)
- Costuma ajudar na realização dos trabalhos de casa do/ seu/s filho/s?

- Acha o sistema escolar inglês diferente do sistema escolar português? (positivo ou negativos; razões; diferente? razões?)
- O que entende como sendo o mais importante para o sucesso escolar?
- Acha que a escolaridade dos seus filhos no Reino Unido poderá trazer outras oportunidades? (em relação a Portugal)

3. A migração e a língua

- Em que contextos usa a língua inglesa? E a portuguesa?
- Com o/s seu/s filho/s fala sobretudo em que língua?
- Existem momento específicos em que opta por uma das línguas? Quais?

4. Relação da língua com a escola

- O/s seu/s filho/s já dominavam ou tinham algum tipo de conhecimento da língua inglesa no momento de entrada da escola inglesa?
- Os/s seus/s filhos/s estão identificados como alunos com EAL (English as na Additional Language)?

5. Apoios à integração na escola

- Na escola em que o/s seu/s filho/s frequenta/frequentam existe algum apoio aos alunos com passado migrante ou étnico?
- Qual/Quais é/são esse/s apoio/s?
- É/São suficiente/s?
- O que poderia a escola fazer de diferente?
- A escola fornece algum tipo de apoio à integração aos pais dos alunos descendentes de imigrantes? Sente-se apoiado?
- E fora da escola? Existe algum apoio?
- Participa de alguma forma na vida escolar dos seus filhos? Como?

6. Perfil Social

- Nome
- Idade
- Nacionalidade
- Estado Civil
- Número de Filhos
- Qual a sua Naturalidade?
- E a sua Nacionalidade?
- Até que ano estudou?

- Profissão atual? E em Portugal?

****Questão a realizar caso a resposta à questão “Veio sozinho/a?”, seja positiva.***